



Órgão Oficial
do Centro Acadêmico
«Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina
da Universidade
de São Paulo

Ano XXVI

Diretor:
RUDOLF HUTZLER e THOMAS MAACK

Casa de Arnaldo, Maio - Junho de 1959

Administração:
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º and. - Sala 603
Tel. 35-4672 - Cx. Post. 4672 - S. PAULO

N.º 92

«O BISTURI» SAUDA O 25.º ANIVERSÁRIO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

A) INTRODUÇÃO

Por decreto de 25 de janeiro de 1944, o Interventor Federal em São Paulo, Armando de Salles Oliveira, cria a Universidade de São Paulo. Decorridos 25 de sua existência cabe uma análise, embora sumária e imperfeita, já que um simples artigo não permite uma análise mais detalhada, de suas atividades.

O *Bisturi*, por intermédio deste número associa-se às homenagens por tão significativa data: 25 anos de existência daquela que é, sem dúvida alguma, a mais perfeita organização de ensino e de pesquisa da América Latina. Não pretendemos entretanto nos ater à descrição de simples fatos e marcas memoráveis, porque julgamos que muito mais produtivo nesta ocasião é fazer uma análise crítica de sua atuação no meio educacional brasileiro, de sua estrutura e de suas relações com a sociedade brasileira.

EXISTE A UNIVERSIDADE?

A primeira pergunta que se deve formular é esta. Um simples decreto não origina

UNIVERSIDADE: MITO OU REALIDADE — UM MARCO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR DA AMÉRICA LATINA — A CIDADE UNIVERSITÁRIA — CONJUNTO DE BELOS EDIFÍCIOS? — OS PERIGOS E AS SOLUÇÕES PARA A AUTONOMIA — GOVERNO UNIVERSITÁRIO: SISTEMA MEDIEVAL

tentar o vislumbre de uma solução para os problemas básicos do país e da humanidade, seja sob o ponto de vista educacional do povo seja sob o ponto de vista do progresso técnico, econômico e político da nação. É ocioso dizer-se que pertencer a Universidade de São Paulo, assim como as demais Universidades do Brasil, é privilégio de classe.

Os alunos da Universidade seguem passo a passo o método isolacionista de seus professores. Cooperação, intercâmbio de idéias, resolução comum de problemas, são palavras desconhecidas pelo corpo discente.

A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Uma das soluções aventadas para sanar as deficiências acima enumeradas é a constituição de uma Cidade Universitária. Realmente apesar de não ser fator único, a localização das Faculdades em pontos diferentes da cidade e do Estado, dificulta enormemente a criação de um espírito universitário. Torna-se praticamente impossível, por exemplo, organizar laboratórios ou mesmo Institutos que sejam apro-

mais sérios entraves para o desenvolvimento da Universidade de São Paulo, é a de se conceder completa autonomia econômica e didática.

Como é sabido a Universidade está presa por vínculos econômicos ao Governo do Estado, o qual escolhe, praticamente, os elementos que compõem o Governo Universitário, pois cabe ao Governador do Estado nomear os diretores das Faculdades, os elementos que compõem o Conselho Técnico e Administrativo e o Reitor da Universidade. Além disso a composto em partes iguais

THOMAS MAACK

por professores, alunos e ex-alunos é desvirtuar o sentido universal, democrático e popular da Universidade.

GOVERNO UNIVERSITÁRIO

A estrutura do Governo Universitário, é em nossa opinião uma das causas fundamentais do mau funcionamento da Universidade. Daremos em seguida, esquematicamente, a sua constituição e as naturais deficiências que decorrem da escolha antidemocrática dos seus dirigentes.

O órgão deliberativo supremo de cada Faculdade é a Congregação que é composta por todos os professores catedráticos e um representante dos assistentes. Cabe à Congregação fazer a lista tripla que será apresentada ao Governador do Estado, o qual escolherá um dentre os nomes apresentados para ser o Diretor da Faculdade. Cada Faculdade possui ainda um Conselho Técnico Administrativo (C. T. A.) constituído por 6 elementos do corpo docente, nomeados pelo Governador do Estado, ao qual cabe re-

passiva na Universidade. As consequências desta estrutura antidemocrática e ineficiente não se fazem esperar: greves constantes do corpo discente, que precisa se utilizar deste recurso já que não tem direito a voto nem representação; falta de contacto aluno — professor e consequente falta de compreensão do professor para com os problemas e aspirações do aluno e vice-versa; ensino não coadunante com a realidade própria do aluno e portanto utópico e ineficiente; perda do sentido social e comunitário da Universidade; etc...

O argumento de que corpo discente não está preparado para resolver os problemas da Universidade é retrógrado e incorreto como bem demonstram os exemplos do México, Argentina, Perú, Uruguai, onde o ensino apesar de ainda ineficiente melhorou sensivelmente após a instituição do Governo Universitário Paritário (Neste países as Faculdades são dirigidas por uma Congregação composta de igual número de professores e alunos).

Evidentemente isto não depende propriamente da Universidade mas da conjuntura econômico-social brasileira. Não nos detemos mais neste assunto que mereceria um artigo especial, apesar de julgá-lo fundamental para a resolução dos problemas que afligem a Universidade.

Dentro da atual realidade brasileira de desenvolvimento econômico através de uma industrialização crescente e racionalização da lavoura, principalmente no Estado de S. Paulo, a Universidade deveria voltar as suas vistas para a formação de elementos técnico-científicos que tenham a possibilidade de dirigir este desenvolvimento. Não é isto, entretanto, que se nota. O desenvolvimento de carreiras técnicas, a não ser uma pequena tentativa de organização que ocorreu no ano de 1958 na Escola Politécnica, tem sido relegado a um plano secundário. Criam-se desordenadamente Escolas de Direito e Letras, muitas vezes obedecendo a intuições meramente políticas, mas as escolas de ciência pura e aplicadas não aumentam em número comparável às anteriores, e o que é pior, as existentes não recebem auxílio suficiente.

A pesquisa científica, embora em plano superior às demais Universidades brasileira deixa a desejar. A por-



EXPERIÊNCIA DE UM QUARTO DE SÉCULO

U. S. P.

uma Universidade: síntese dos diversos ramos das ciências letras e artes em função do saber, da justiça e do bem estar social. E, realmente o decreto de Armando de Salles Oliveira continua no papel.

Cada uma das escolas que compõe a Universidade de São Paulo é um Instituto isolado a não ser para fins burocráticos, onde existe a centralização através de um Conselho Universitário, não se conseguiu ainda a necessária síntese entre as diversas Faculdades, síntese esta, que foi a própria razão de ser da sua criação, como facilmente se induz ao ler o decreto de 1934.

Não existe intercâmbio de idéias nem de ação. Os corpos docentes de cadeiras afins das diversas Faculdades trabalham isoladamente, querendo laboratórios, bibliotecas e demais instalações separados, num gasto de material inútil e improdutivo, quer não tendo um mínimo de colaboração e intercâmbio de idéias, condição estritamente necessária para poder falar em Universidade. Da mesma forma o corpo docente e discente, como um todo, não reúne os seus esforços para

veitados conjuntamente por cadeiras afins das diversas Faculdades. Mesmo a distância física entre o corpo docente (ou discente) dificulta o intercâmbio de pensamento e ação. Assim a Cidade Universitária, ora em construção, pode representar um início de solução para os problemas mais gerais da Universidade. Esperemos que medidas de ordem demagógica e burocrática, não entrem a sua construção e funcionamento, como tem ocorrido até agora. Lembremos, que Cidade Universitária não é sinônimo de "conjunto de edifícios suntuosos num mesmo local". Em última análise a Cidade Universitária de São Paulo deve ater-se à realidade, econômica, social e cultural da nação.

AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

Uma outra solução aventada para resolver alguns dos

problemas da Universidade depende do Ministério da Educação em questões didáticas e de organização que sejam objeto das diretrizes e bases da Educação Nacional.

O tema da autonomia universitária deve ser tomado com muitas precauções. Se de um lado a vinculação ao governo do Estado e da Nação originam uma série de intervenções e medidas descabidas, muitas vezes ditadas por interesses de baixa política que comprometem seriamente o funcionamento e a necessária liberdade de pensamento e de ação da Universidade, de outro lado entregar a Universidade na mão dos que hoje a dirigem é correr o sério risco de transformá-la em uma estrutura medieval onde mais se acentuarão os privilégios de classe e a dogmatização do pensamento. em outras palavras, autonomia universitária sem que o Governo Universitário seja

capaz de resolver os problemas técnicos, disciplinares, educacionais, etc. cabendo sempre recurso à Congregação.

O órgão supremo da Universidade é o Conselho Universitário, composto pelos diretores das Faculdades, um representante dos Assistentes, um representante dos ex-alunos e um representante dos alunos. O Conselho Universitário é o supremo tribunal da Universidade ao qual cabe ainda centralizar e dar as normas gerais a serem seguidas pelas Faculdades. Cabe a este Conselho elaborar uma lista tripla que será apresentada ao Governador para a escolha do Reitor da Universidade.

O primeiro fato que chama a atenção na constituição dos órgãos dirigentes das Faculdades é a total ausência de uma representação de alunos e ex-alunos nos mesmos. Isto, em última análise, significa que o aluno é figura completamente

passiva na Universidade. Urge, portanto, que se dê aos alunos e direito que lhes cabe por justiça representação nos órgãos dirigentes das Faculdades.

A UNIVERSIDADE E A REALIDADE BRASILEIRA

Por último analisaremos de maneira sumária a realidade superficial, já que foge ao escopo deste artigo uma análise mais profunda, as relações entre a Universidade de São Paulo e a sociedade brasileira.

A Universidade é composta em sua grande maioria por elementos da média e alta burguesia que no mais das vezes representa mais os interesses de sua casta social do que propriamente os interesses da humanidade e da nação.

A maneira correta de fugir a este vício de estrutura é democratizar a universidade, é torná-la permeável a todas as classes sociais

centagem de verba que é dispendida com a pesquisa científica é infima, mesmo ridícula, se a compararmos com aquela que é gasta para sustentar o pessoal da Universidade e construção de edifícios suntuosos.

«O BISTURI» espera com este artigo ter aberto um campo para a polémica, que em nossa opinião é de fundamental importância neste momento em que o país tanto necessita e tanto espera da Universidade de São Paulo. É esta a nossa maneira de homenagear o 25.º Aniversário de nossa Universidade: criticando, para que através da crítica honesta e desinteressada, possamos encontrar as soluções para os magnos problemas daquela que é, repetimos, a mais perfeita organização de ensino da América Latina.

PORQUE, CUBA?

O Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» recebeu, no teatro da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, uma delegação de rebeldes cubanos, enviada pelo governador revolucionário, em missão de esclarecimento, à América Latina. Porque enviaram essa delegação em missão de esclarecimento? Porque houve revolução em Cuba? Porque o C. A. O. C. recebeu a delegação?

SEMELHANÇAS

Cuba difere dos demais países latino-americanos, somente na geografia. No resto, assemelha-se de uma maneira muito evidente, a começar pela história. É história de países novos, colonizados quase sempre por inéptos e aventureiros. É a história caracterizada pelo enriquecimento fácil, aventureirismo econômico, imigrações incontroladas e governos escusos. É a história pontilhada de revoluções. É a história que traz a mancha da escravidão.

REVOLUÇÕES

Revolução é um nome que espanta a primeira vista, pois lembra grandes matanças e grandes misérias. Revolução é uma maneira violenta do povo (e somente o povo) conseguir um mínimo de justiça. Nada mais. Quando há uma revolução isto quer dizer que todos os outros recursos se esgotaram inapelavelmente; todas as entidades representativas do povo fracassaram, então, movida e unida por um mesmo sentimento, toma as iniciativas.

Para se chegar a esse ponto, é preciso muita coisa; a capacidade de adaptação do povo às injunções externas é sempre surpreendente. O povo sofre, passa miséria, mor-

re de doença, de fome e não se revolta. O povo pode ser achincalhado moralmente, por leis falsas e representantes falsos, e ainda não se revolta.

Mas há um limite. E este limite é evidenciado quando, além de uma ou outra entidade representativa, as massas levantam-se, abandonando os afazeres rotineiros, afim de conquistar com as próprias mãos, os seus direitos.

Quando um povo entrega-se a uma revolução isto quer dizer que já passou o suficiente de miséria, fome, doença, morte, e humilhação, para considerar esse sofrimento total de anos seguidos, muito maior que o próprio sofrimento da revolução.

Todas as revoluções do mundo apresentaram uma fase política que foi totalmente vencida pelo povo. É a derubada dos poderes responsáveis pela situação. Nem todas porém venceram uma segunda fase, que é a de reformas estruturais daqueles poderes, e a garantia de continuidade dessas reformas.

CUBA

Uma ilha mais ou menos do tamanho do nosso estado de Pernambuco. Mais ou menos cinco milhões de habitantes. É o primeiro produtor de açúcar, álcool e fumo do mundo. É o quarto de café.

LEMBRETE

Com Cuba sob o domínio espanhol, Simon Bolívar quis estender a revolução de independência da América-Latina. Já era preparada a invasão antilhana, quando dois emissários de Bolívar (Aguero e Sanches) são enforcados nos Estados Unidos. O processo revolucionário tem contudo o entusiasmo do povo cubano, e quando já era inevitável a independência surge o General cubano (?) Narcisca Lopes com a finalidade de transformar Cuba em território Norte-americano. Novamente o processo revolucionário não é impedido, e este general com seus amigos são fuzilados.

Nesse momento, os interesses econômicos se evidenciam: USA e Espanha disputam as minas de ouro, ferro, cobre e os canaviais. Surgem os USA então como libertadores, expulsando os espanhóis, Cuba muda de dono: além das concessões econômicas, são feitas também concessões militares, dada a posição estratégica da ilha (imenso porta-aviões). Os grandes latifúndios, e a estrutura econômica, eram controlados diretamente pelas leis norte-americanas até 1.933.

BATISTA

Em 1.933, a opinião pública já se levantava contra o domínio político e econômico. Encarnando a vontade popular surgiu FULGENCIO BATISTA, numa quartelada. Logo, porém, o povo verificou que BATISTA continua-

Nelson R. dos Santos

ra a política dos caudilhos que o precederam. Apesar de indireto continuou o domínio dos U.S.A., através dos monopólios particulares, o mercado de açúcar e frutas de Cuba e Antilhas passou para a Cuban Atlantic Sugar, Cuban American Sugar e United Fruit. O mesmo caminho tiveram o petróleo e minerais.

Batista foi chefe do exercito de 33 a 40, presidente de 40 a 44, e ditador de 52 a 58.

O COMEÇO

Como ditador, Batista usou e abusou do poder, nos últimos anos já nem encobria a sua submissão aos trusts. Os partidos políticos perdiam-se em discussões ideológicas, vaidades pessoais e compromissos com grupos econômicos.

A verdadeira oposição brotou nas ruas, em cada esquina, em cada bar, em cada conversa. A revolução começou na Universidade: a princípio de modo esporádico, e logo depois com a fundação do diretório revolucionário, que organizava os movimentos estudantis e populares. Era necessário dar sentido ante-colonialista e não somente anti-ditadura.

A REVOLUÇÃO

De chôfre os rebeldes presos foram torturados e seviciados das maneiras mais horríveis a fim de declinarem os nomes dos companheiros. Nenhum delatou: todos morreram lentamente nas câmaras de tortura. O povo tinha se levantado. Aqui cabem as palavras do célebre cubano José Martí: «quem vê seu povo em desordem e agonia sem porta visível para o bem-estar e a honra, ou lhe busca uma porta ou não é homem honrado.»

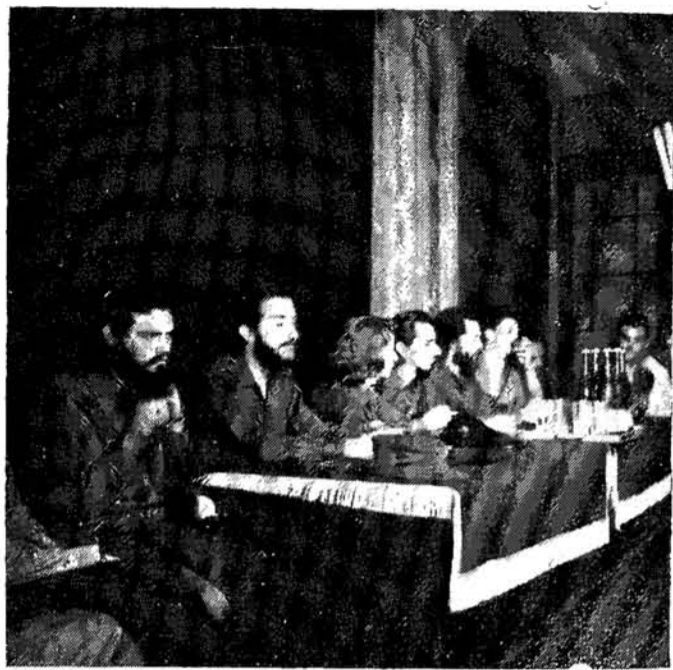
Nos sete anos de revolução, as misérias foram tantas, tantas mortes, tantos heroísmos, que somente um livro como o de Armando Gimenez, poderia dar idéia.

No fim, já não havia prisioneiros de guerra para Batista: eram todos assassinados prontamente, e exibidos à população revolta. Desespéro de causa: a ditadura tinha dias contados, talvez a estrutura econômica em vigência. Os presidentes das Federações dos Estudantes, eram encontrados mortos nas ruas. Até as mulheres eram espancadas e mortas.

O FIM

A parte política estava vencida. Não foi quartelada. Foi revolução. Agora a grande tarefa de reorganizar o país, mas para melhor.

Os latifundiários, as companhias e bancos estrangeiros, o comércio importador, os magnatas do açúcar e certos grupos sociais, foram, são e continuam sendo inimigos do povo. A sua política é sempre reacionária.



Desta segunda fase da revolução, dependerá a verdadeira vitória. Por ela derramou-se muito sangue e muito se sofreu na primeira.

As forças econômicas são muito maiores que as forças políticas, mas o governo revolucionário promete não capitular. O povo pede as reformas, sabe que a revolução ainda não terminou.

POSIÇÃO DOS U.S.A. E INGLATERRA

O Departamento de Estado, ajudou a Ditadura até o fim. Prolongou a revolução enviando constantemente canhões, tanques, aviões e missões militares. A Inglaterra mandou também abundante material bélico, inclusive um trem blindado.

Congressistas americanos, logo depois de ganhar a Revolução, pediram a suspensão da já escravizante ajuda econômica dos E.E.U.U., e mesmo intervenção militar. Porque esses mesmos Congressistas não protestaram com a mesma energia contra as milhares de mortes durante a Ditadura Batista; conta a calamidade na Argélia; contra a miséria nas colônias africanas; contra a invasão da Guatemala, etc.?

O NOTICIÁRIO

Todas as notícias que tivemos foram dadas pelo trust «UNITED PRESS», que domina as maiores agências informativas do «mundo livre», controladas diretamente pelo USIS — Serviço Oficial do Departamento de Estado, — inicialmente com desprezo e calúnia. No fim só a calúnia perdurou, recrudescendo cada vez mais. Foi necessário o Governo Revolucionário convidar e hospedar centenas de jorna-

e vibrante exposição os «barbudos» delinearão as três grandes metas da revolução:

LIBERDADE POLÍTICA

INDEPENDÊNCIA
ECONÔMICA

JUSTIÇA SOCIAL

Falaram também, da Reforma Agrária, com expropriação sem indenização dos grandes latifúndios e criação de Cooperativas Camponesas de produção e consumo. O mesmo para a Reforma Industrial, com estatização e criação de Cooperativas Operárias de Produção e Consumo. Garantir a Nacionalização dos Bancos.

CONCLUSÃO

Os Universitários do Brasil não podem permanecer alheios à Revolução Cubana. Isto não quer dizer pronto apoio, e sim um interesse particular pelo que lá houve e suas causas. O povo cubano participou e sofreu totalmente a Revolução, e simplesmente como outro povo, temos que nos preocupar, quanto mais como povo irmão, que sofre injunções bem semelhantes.

Nós, universitários, temos em Cuba uma lição patente como raras na história, e por isso devemos aproveitá-la no sentido de forçar por todos os modos os nossos dirigentes a mudarem de orientação. Caso contrário, o povo, espontaneamente, acabará levantando-se, com todas as imprevisíveis consequências. Se os dirigentes persistirem no atual desmando, teremos o dever histórico de nos aliarmos ao povo, mesmo porque, somos também povo.

POSIÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Os Governos não acolheram bem os emissários da Revolução Cubana, semanas antes da vitória, nem atenderam à sua solicitação: NÃO RECONHECIMENTO DO GOVERNO BATISTA.

Os povos porém, torceram todo tempo pela vitória dos valentes irmãos daquela ilha. Isto é incontestável.

A DELEGAÇÃO

Numa breve mas concreta

É TÃO FACIL, TÃO SIMPLES

MARDEN I. NEGRÃO

Às vezes, nem sei bem porque, Fico pensando em você. E o meu coração fica pequeno, Pequeno, Como o coração das crianças Redescobrinho a vida. E aquele cinismo, Herança da humanidade, Que eu não tenho e penso ter. D-e-s-a-p-a-r-e-c-e. Simplesmente, D-e-s-a-p-a-r-e-c-e. Se não fôssemos complicados Para ver o mundo Não teríamos a desgraça A estampar-nos a máscara. É tão simples, Tão fácil, Amar e ser feliz.

NOVATROPINA

LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO

FILINASMA

ANDAR DE AVIÃO NÃO BASTA — O QUE O SENHOR
PRECISA... É VOAR CONFORTAVELMENTE PELA

Cruzeiro do Sul

O Universitário de Medicina e os Problemas da Sociedade

BOLIVAR F. PEREIRA

Os universitários, como um todo, integram um grupo social intermediário entre os indivíduos profissionais e os de vida propriamente estudantil. Raros são os que galgam essa posição já tendo experimentado a labuta árdua para a sobrevivência. Dificuldades e ordem econômica, principalmente, encarregam-se de filtrar os estudantes, não permitindo que os menos favorecidos tenham nem oportunidade de disputar o vestibular. É, portanto, perfeitamente natural que os acadêmicos sejam despreocupados sob o aspecto financeiro, pelo menos ao iniciar-se o curso. Uma euforia inicial domina o espírito de todos; são universitários de medicina (no nosso caso) futuros médicos, centros da simpatia da família orgulhosa pela vitória alcançada dentre milhares de concorrentes num vestibular difícil. Vida de faculdade, novos colegas, todos desconhecidos, mas em breve tornam-se amigos, separam-se os grupos, formam-se as "panelas". Vida de faculdade, excitante pelo desconhecimento total do novo campo que se apresenta, temerosa pelas dificuldades iniciais dos tratados

mentos; remédios aos doentes, numa legião interminável de criaturas cuja existência atesta a negação das medidas caritativas até agora arroladas. A vida fácil cria vadiagem, notadamente em indivíduos já com a moral abatida. A caridade é um bom meio de perpetuar uma situação vigente, agravando-a pela ociosidade que acarreta.

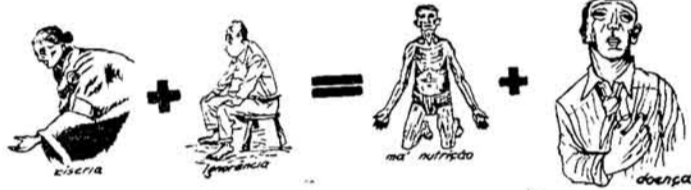
O estudante-médico depara-se com um problema intrincado. Provavelmente dar-se-á por vencido. Dirá: "São males da sociedade". Formado, montará sua clínica, equilibrará seu orçamento, será membro da sociedades médicas, contribuirá para obras assistenciais, estudará medicina honestamente, etc. e o resto que se dane. Terá assim contribuído para a redenção dessa "sociedade maldita". Poderá, outrossim, tornar-se violento, apelando para princípios de moralidade; moverá campanhas de educação sanitária, ignorará os abortos, a prostituição, maldirá os ladrões do governo. Viverá sempre em angústia, distanciado da realidade.

Mas onde ficou o idealismo, a vontade de lutar? Foi perdida nos bancos escolares?

populações como se interesse e grau de instrução caminhassem paralelamente.

Se este estado de coisas tem uma causa conhecida que se não debelada continuará agindo, porque não intervir nela, diretamente? Existe uma péssima máquina governamental, uma estrutura anacrônica que não satisfaz exigências as mais primárias. Não se trata de verberar contra este ou aquele governo. Todos tiveram sua parcela de culpa ao lado de todos nós. Porém, é demasiadamente comum exagerarmos o seu papel nos acontecimentos, procurando irresponsabilizar nossa inércia.

Atrás de tudo, agindo nos bastidores há algo extraordinariamente poderoso, superior ao próprio homem. Algo diabólico que joga maestramente com certas fraquezas humanas exageradas na luta pela vida durante milênios. Não há quem resista à tentação do ouro, das moedas reluzentes que, aos seus possuidores, acarretam saúde, prosperidade, mas removem governos, promovem guerras, destruição. Estadistas inflexíveis, chefes de Igreja austeros cedem à tentação do dinheiro.



sobre o Homem. Cheio de vida, de entusiasmo, enérgico, o acadêmico de medicina enfrenta, tudo, desafia, vence. Correm os anos: segundo, terceiro, quarto, quinto ano. Quase vencidos, os universitários sentem que ainda não são nada, não realizaram nada. Procuram o trabalho não tanto para sobreviverem mas como uma necessidade de serem úteis, necessidade que têm os seres humanos normais. O contrato mais direto com a vida fornece dados terríveis. Revoltados e entristecidos assistem à derrocada de tudo de bom e belo que até o momento viram e ouviram. As normas ditadas pelas sociedades médicas regulando o exercício legal da medicina não são obedecidas; nas clínicas do hospital-escola a sequência de exames, a história minuciosa da moléstia de cada paciente, o exame criterioso são fundamentais para o diagnóstico — isso não acontece na vida particular; — norma de alimentação, educação sanitária não podem ser aplicadas numa população miserável.

Diante dessa calamidade o estudante-médico sente o drama de consciência pesar-lhe nos ombros. Tudo parece errado ao mais comodista, tanto que é comodista em relação a alguma coisa má. Sensação de miséria que até então enfrentara através dos jornais e conversa amigável entre amigos, regada a uísque.

Agora é preciso tomar uma atitude, nem que seja a atitude de não fazer nada. A realidade apresenta-se com colorido diverso daquele imaginado. O seu aprendizado não se coaduna com a situação de fato. O que fazer? Amparo aos desamparados; casas aos desabrigados; comida aos fa-

será que seis anos de universidade são suficientes para embotar o espírito de quem há pouco, cheio de vida e ânimo enfrentara garbosamente o vestibular e saiu um covarde? Será que a universidade fornece instrução para exaltar sentimentos egoístas?

Por condições do meio as manifestações individuais são as mais diversas, evidentemente. Não há covardes, comodistas, exaltados. Todos buscam uma solução. Resta saber se esta solução procurada toca o problema em seu âmago. Vejamos, pois, as causas profundas dessa "desintegração da sociedade" para então agirmos corretamente. É impossível separar o médico de seu meio ambiente. Por que insistir em manter o porte empedernido supostamente conferido pelo diploma hipocrático? Por que manter uma vaidade incompatível com um mundo extremamente dinâmico e alheiar-se tanto da realidade? Logicamente o médico tem seus problemas pessoais e ninguém vai exigir que vá ao interior para "morrer de fome". Esses sacerdotes nunca existiram e nunca vão existir. Que razão há, então, para insistir em mentiras?

Alguma coisa que não sabemos exatamente definir está atrapalhando a vida. Que atitude tomar agora, hoje? Ser nacionalista? Ser comunista? ou outro "ista" qualquer? Não importa o partido, o grupo. Todos concordam: a miséria leva à ignorância; as duas, má nutrição, ócio; atrapanhando as coisas, mas, como decorrência natural, aparecem as doenças. A proibição do voto ao analfabeto alija do cenário político nacional mais da metade das

Existe, portanto, poderosa máquina econômica em toda parte, sobotando, traindo a causa popular, prostituindo os espíritos mais puros porque todos nós temos necessidade absoluta de dinheiro para nos mantermos. Se agirmos de outra maneira corremos o risco de sermos tragados pelos detentores do poder econômico numa lei inexorável e geral. De modo idêntico o fenômeno se manifesta entre os ricos numa luta encarniçada impossível de ser resolvida a não ser pelas armas onde o mais fraco sucumbe, deixando campo livre para o mais forte economicamente que se empenhará de modo idêntico com outros competidores.

Um regime onde as relações econômicas se fazem de maneira caótica, desordenada, gera um clima em que poucos detêm o poder monetário. Quem detém o poder econômico, sob qualquer regime, detém, também, o poder político. Assim, no capitalismo, são os próprios capitalistas que governam ou seus títeres. É lógico que esses governantes não tem nenhum interesse em modificar o "status quo" vigente a não ser com medidas reformistas que prorrogam uma inevitável queda de sua hegemonia. Jamais um capitalista preocupar-se-á, seriamente, em prejudicar sua empresa, pagando melhores salários, alfabetizando, diminuindo os preços de mercadorias, etc. Sejamos, pois, sensatos. Existe uma causa profunda; urge, então modificá-la, alijá-la de seu pedestal já de séculos. Até hoje temos sido tenebrosos demais para atacá-la no seu âmago e temos ficado só na superfície.

Todos sentem orgulho, vontade de ser úteis, trabalhar. Com esmolas não querem viver os homens. O ambiente deve ser modificado, a estrutura, ser removida.

O médico e o estudante-médico mesmo que queiram não conseguem manter-se alheios ao meio em que vivem; ninguém fica isolado de seu ambiente. Podem, tomando consciência da situação, associar-se ao povo e sua luta de milênios contra a miséria, maior responsável pelas doenças, se é que curar doenças é realmente, o escopo da MEDICINA.

A racionalização do horário de aulas

DR. ABRAM FAJER Assistente do Dep. de Fisiologia da FMUSP

É hábito entre nós a extensão exagerada das férias de verão. Na prática as aulas do 2.º semestre começam em Agosto e terminam em meados de Novembro, porque a 20 deste mês começam os exames escritos do fim do ano. Os bons alunos terminam portanto os seus exames até Dezembro (incluindo exames orais) e ficam desocupados até Março. Alguns assistem cursos de férias, com proveito, mas no geral as férias terminam por cansar o aluno. O primeiro "semestre" é curto: de Março a 10 de Junho com "Semana Santa" e feriados abundantes.

Creio que uma discussão sobre um novo horário não é de cabida. Para iniciar a discussão, sugeriríamos o seguinte esquema — 3 trimestres de 3 meses com intervalos de férias de 30 dias:

1.º trimestre: 15 de Janeiro a 15 de Abril.
Férias: 16 de Abril a 15 de Maio.

2.º trimestre: 16 de Maio a 15 de Agosto.

Férias: 16 de Agosto a 15 de Setembro.

3.º trimestre: 16 de Setembro a 15 de Dezembro.

Férias: 16 de Dezembro a 16 de Janeiro.

Seriam portanto 3 meses de férias igualmente distribuídos, incluindo os maiores feriados, como Semana Santa, Semana da Pátria, Natal e Fim de Ano, deixando 9 meses para aulas e exames. Tanto a atividade escolar como o repouso seriam mais homogêneas distribuídas através do ano letivo.

Como está dividido o ano letivo, no momento, com um "semestre" de Março a Junho e "outro" de Agosto a Novembro e férias de 3 meses de Dezembro a Março, é difícil estabelecer uma rotina de serviço.

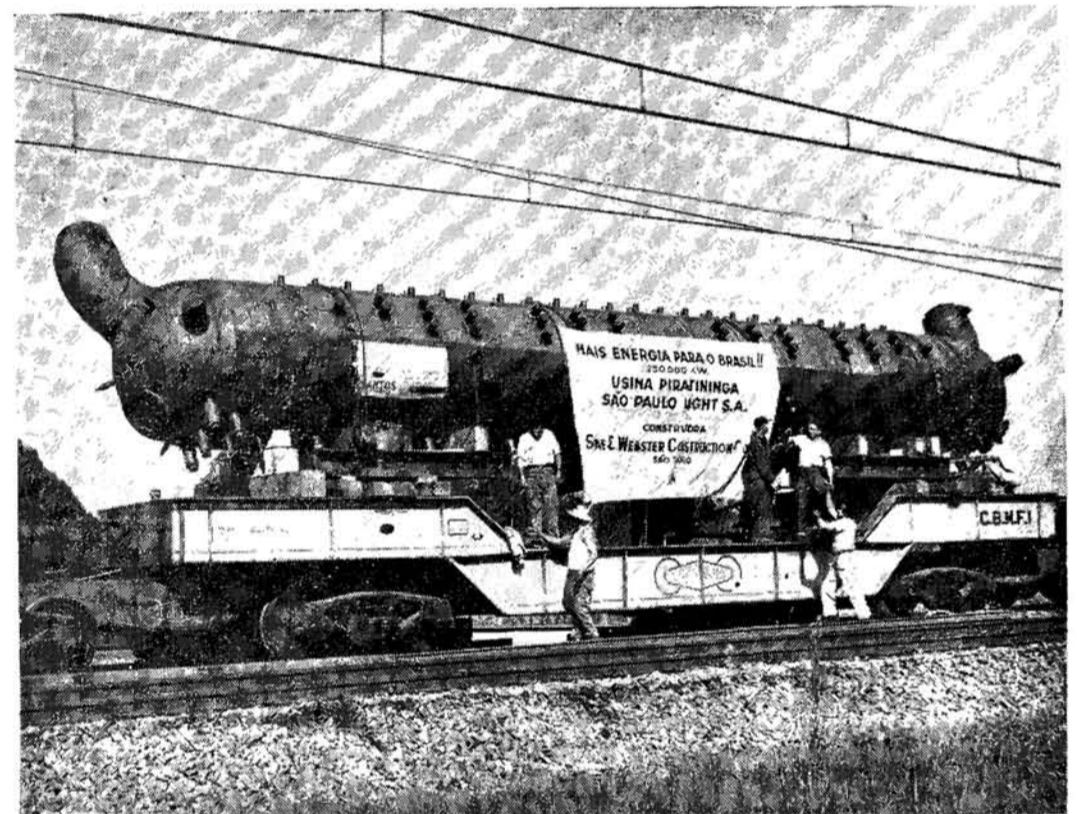
Os exames poderiam ser feitos nas épocas habituais, isto é, em Junho e Novembro, ou serem deslocados para 1.º a 15 de Agosto e 1.º a 15 de Dezembro. Os exames de 2.ª

época seriam realizados nos primeiros 15 dias de Janeiro.

Enfim é uma sugestão para ser debatida e que na nossa opinião resultaria num melhor aproveitamento do tempo do aluno e na possibilidade de melhor planificação do ensino pelos diferentes Departamentos.

No sistema atual temos 181 dias letivos, distribuídos 89 no primeiro e 92 no segundo semestre. No sistema proposto há cerca de 230 dias, dos quais 39 podem ser usados para exames e ficaremos ainda com 200 dias úteis. Isto quer dizer que do ponto de vista quantitativo não há perdas. A maior vantagem está na melhor distribuição do tempo, porque nos 161 dias letivos estão computados cerca de 20 dias compreendendo as Semanas Santa e da Pátria e outros feriados, que no novo sistema caem nas férias.

No Hospital das Clínicas o sistema parece-nos vantajoso porque a presença do aluno fica muito mais regular e a rotina é facilitada.



GIGANTESCAS PEÇAS CHEGAM A SÃO PAULO COM DESTINO ÀS NOVAS UNIDADES GERADORAS DA USINA TERMOELÉTRICA PIRATININGA

Veículos especiais foram necessários para transportar uma enorme caldeira de 110 toneladas, do porto de Santos até à capital paulista, com destino à usina termoelétrica Piratininga, que a Light está ampliando, no bairro de Pedreira (Santo Amaro).

Depois de desembarcar do navio "Loide Brasil", a grande peça foi colocada em va-

ção-poço especial, cedido pela COBRASMA, e conduzida pela estrada de ferro Santos-Jundiaí até à Lapa onde passou para o leito da estrada de ferro Sorocabana, e conduzida em seguida para a estação Cidade Universitária.

Ai o enorme volume foi levantado por meio de macacos de 50 toneladas e transferido para uma carreta ro-

deviária, que o transportou, pela avenida marginal do canal de Pinheiros, até ao local das obras de ampliação da usina Piratininga.

Com a instalação de dois novos geradores, essa central termoelétrica passará a ter uma potência de 410 mil quilowatts, correspondente a mais do dobro do que possui atualmente.

POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA

— DE —

CAMILLO MORELLI & IRMÃO LTDA.

Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha Texaco
GASOLINA — MOTOR — OLEOS — GRAXA
ACESSÓRIOS

Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis
ATENÇÃO E CORTESIA

AVENIDA REBOUÇAS, 158 — AVENIDA ANGÉLICA, 2843
TELEFONE: 51-6865

CONFIAM OS SEUS CARROS AO
POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA
OS MÉDICOS, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DO H. C.

SANDOZ BRASIL S. A.

ANILINAS, PRODUTOS QUÍMICOS
E FARMACÊUTICOS

RUA BARÃO DE CAMPINAS, 355
FONE: 51-2164 — CX. POSTAL: 4419
SÃO PAULO

AV. CHURCHILL, 129 — FONE: 22-9866
RIO DE JANEIRO

BOA VIAGEM

JACYR PASTERNAK

No dia anterior vá a uma Igreja e mande dizer uma missa para que dali a uma semana não seja rezada outra de sétimo dia.

Amparado, desta maneira, pelas potências celestes, dirija-se a um ponto de onibus, supondo que ele ainda esteja no mesmo lugar, pois aqui, contrariamente à regra universal os veículos são fixos e os pontos móveis.

Lá chegando espere. Este dom lhe é outorgado com liberalidade. Não adiania invocar o camarada Deus para que a condução seja mais rápida. Talvez, quando ele era mais moço, uma prece surtisse algum efeito. Hoje, entretanto, ele acha abaixo da sua dignidade descer de sua mansão augusta para empurrar uma das traquitanas da CMTC. No máximo ordena a um anjo ir a terra ajuda-lo. Entretanto, desde a frusta revolução de Lucifer o prevenido Jeová retirou dos seus querubins certos poderes que podiam reverter contra si próprio. Um anjo comum não consegue, portanto, carregar um onibus. O máximo que ele pode fazer é retirar o cobrador e o motorista do bar onde estes dignos personagens se albergam, e forçá-los a se porem em movimento. Mas quando isso acontece raro é o anjo que resiste à tentação de ficar ele próprio no bar se divertindo um pouco. O céu é um local meio insofista em materia de distrações extra-teológicas, e ficar o dia inteiro sobre as nuvens a tocar lira pode ser muito agradável durante os primeiros 15 milênios, mas depois acaba cansando. Ora, ficando o anjo no bar o malhado coletivo anda uma esquina e depois para em outro, tornando toda e qualquer intervenção divina inutil.

Finalmente o Sumaré acaba por aparecer, ou porque o mencionado camarada Deus se condoa da humanidade infeliz e faça-o cair do céu, ou, hipótese mais provavel, porque Sua Magestade Satanaz todo o poderoso acha que os esperantes sofreram muito passivamente e resolve dar-lhes um pouco de sofrimento ativo.

O "Conserve-se em fila" dos marcos da CMTC refere-se naturalmente a atitude do scães da referida raça ao serem mimóseados com um succulento pedaço de carne

Assim que o Sumaré abre a porta surge uma demonstração prática das leis de Darwin sobre a sobrevivencia dos mais aptos. Segundo estudos antropológicos a seleção natural está operando sobre os usuarios do Sumaré de tal modo que daqui a algumas gerações teremos individuos dotados de esporão osseo no cotovelo para melhor obter lugar; placa do mesmo material envolvendo a barriga e uma sensível redução do diâmetro antero-posterior, induzida pelos constantes apertões, o que os deixará vagamente parecidos com um platelminto.

No Sumaré, como na Universidade, o mais difícil é entrar, o que não significa que alguns não saiam antes do final do percurso se as janelas tem largura suficiente.

Não há lugar onde se segurar, o que aliás não faz falta porque os corpos se apoiam mutuamente.

Logicamente em qualquer curva a força centrífuga leva metade das vilimas sobre a outra, mas como a justiça divina não tolera injustiça ela fez mais ou menos o mesmo número de curvas a direita e a esquerda, de modo que não cabem queixas sobre sua equitatividade.

As vezes conseguimos sentar no proprio banco e não, como é mais comum, no colo de alguém, de onde, feliz ou infelizmente, somos obrigados a logo se levantar. Pensamos então que a situação melhorou, impressão esta que logo se desvanece quando tentamos abrir a janela. Daqui a 2.000 anos, quando os marcianos estiverem escavando as ruínas da civilização atomica talvez eles descubram a carcassa deste onibus num deposito de lixo, e tentam descobrir o segredo perdido do maravilhoso composto que os humanos usavam para colar definitivamente vidro em lata.

Quando o velho Diabo não tem nada que fazer e deseja divertir-se um pouco, abre subitamente a miseravel portinhola de tal modo que num solavanco a cabeça passa para o lado exterior do onibus, ficando o corpo do lado interno. Juntar os 2 novamente é mais difícil que reunir a Alemanha.

Por fim, se o motor não arrebentar antes, chegamos ao nosso destino, o Araçá. Futuro evidentemente, que



TEMPO INTEGRAL E ATIVIDADES NAS ENFERMIARIAS

JENI M. M. CORONEL

Que vamos fazer lá pelas quatro horas da tarde, hora em que costumemente estão terminadas as aulas do dia?

Dirigimo-nos a alguma enfermaria dispostos a por «em funcionamento» nossos estetos, ou ver como se palpa bem um abdome, ou quiçá ensaiar os primeiros árduos passos para um bom exame neurológico e... nada! Encontramos as enfermarias às moscas... O Hospital que apresenta uma atividade febril pela manhã, parece que morre ao entardecer! Provavelmente a atividade da clinica particular absorve aquela legião de verdadeiros valores científicos cuja presença seria imprecindível para nossa orientação e formação prática.

Pela manhã passamos os olhos sofregamente ao Boletim do H. C. e vemos os formidáveis simpósios de gastroenterologia, Pediatria, Neurologia, a serem realizados no primeira parte do dia, aos quais gostaríamos de estar pre-

que pode no entanto tornar-se bem atual se ao atravessarmos a Dr. Arnaldo encontrarmos um lotação correndo entre 2 bondes.

A frente da Faculdade deparamos com uma pequena filial da Hileia Amazonica. Atravessa-la não é facil e um explorador imprevidente pode acabar sendo devorado pelos crocodilos do laguinho. Recomenda-se portanto não fazer esta ousada travessia sem antes organizar um safári. Como isto sai muito caro, o melhor é seguir alguém que se embrenhe no matagal, na esperança que ele saiba o caminho. Eventualmente pode ser que ele não vá a FMUSP, não tenha nada com a dita cuja e tenha entrado no mato apenas para satisfazer a alguma necessidade natural, deixando quem o toma por guia numa situação altamente constrangedora.

Por fim alcançamos a casa de Arnaldo, sob a vasta bigodeira do busto deste último, onde está gravada em letras de ouro a famosa frase do mencionado Dr. Dante: Deixai toda a esperança, oh vós que aqui entráis! Entramos.

sentes mas... Há uma aula de FREQUENCIA OBRIGATORIA (nem sempre de grande proveito!) justamente naquela hora.

Outras vezes é a manhã perdida com aulas esparsas deixando intervalo médio de quarenta minutos entre uma e outra que nos deixa com a impressão contristadora de um dia escolar bem pouco proveitoso. No entanto essa manhã utilizada integralmente em um estágio de enfermaria o quanto não seria proveitosa!

Ricardi apresenta mais uma criação exclusiva -camisa esporte **ROCKETTE** o mais novo padrão de elegância!

Moderníssima camisa esporte em padrões exclusivos. Cores lisas pastel ou com originais desenhos. Acabamento finíssimo. Corte impecável.

À VENDA SOMENTE NOS VAREJOS

Ricardi

Xavier de Toledo, 110 - D. José de Barros, 263 - Boa Vista, 47 - Brig. Luiz Antonio, 159 - Ipiranga, 1296 - Quintino Bocaiuva, 23 - Benjamin Constant, 142 - SANTOS: Pça. Mauá, 30

O simples atentar para esses fatos mostram a necessidade do tempo integral a fim de que o Hospital de Ensino não «funcione» num só período do dia e se aproveite bem o tempo disponível, todavia enquanto não vem o tempo integral para as cadeiras clinicas uma cousa poderia ser feita: Passar as aulas teóricas tôdas para a tarde, o que concentraria o trabalho, com muito maior proveito e deixar as manhãs livres para estágios obrigatórios sucessivamente em cada clinica, começando dessa forma os rodízios no 3.º ano médico. Chegaríamos ao internato com muito mais base e prática seguramente!

NOVA medicação anti-hipertensiva em que se potencializa a ação da reserpina pela clorotiazida — O mais eficiente diurético não mercurial

Clorgin com Reserpina

oferece vantagens incontestes para a terapêutica da

Hipertensão Arterial

- a) maiores efeitos com doses menores
- b) perfeita tolerabilidade
- c) eficácia na eliminação do cloreto de sódio sem risco de desequilíbrio eletrolítico
- d) ação sedativa e tranquilizante

Laboratório Xavier

de

JOÃO GOMES XAVIER & CIA. LTDA.

RUA TAMANDARÉ, 984 — TEL.: 36-9169

Obs.: Os produtos de nosso Laboratório são de propaganda exclusivamente científica.

HARD RAND
Exportadora Importadora Ltda.



22, 3.º andar, Rua Frei Gaspar
P. O. Box 100
Tel. address: «Hardrand»
SANTOS

Os Universitários representados na

Congregação

PROFESSORES E ALUNOS EM FACE DA REPRESENTAÇÃO

Procurando manter-se sempre em dia com os problemas universitários, o Bisturi dedica esta edição a um dos mais momentosos e palpitantes problemas do estudante superior: a sua participação na administração da faculdade, através de representantes credenciados junto à Congregação.

O assunto não é novo; nem pacífico. Levantado muitas vezes, nos mais variados países, admite, como já admitiu na prática, soluções extremas, que vão desde a ausência de representantes de alunos na direção da faculdade até congregações com maioria de alunos.

Também entre nós o problema é velho: algumas faculdades, como Santa Maria, no Rio Grande do Sul e as da Universidade do Distrito Federal admitem representantes de alunos em suas congregações; e, todas aprovam como interessante a experiência.

O QUE SE FEZ O QUE SE DIZIA

Como reivindicação estudantil, ainda uma vez, vamos encontrar o problema há bastante tempo. Sucessivos Congressos nacionais e estaduais de estudantes colocam a representação como uma de suas reivindicações básicas. Mas, pouquíssimo fazem a UNE e as UEE no sentido de objetivar a questão. Alega-se que o meio universitário não está maduro para a idéia, que poucas (para não dizer nenhuma) congregações concordariam em receber estudantes em seu meio, etc.

A NOSSA TENTATIVA

Foi numa tentativa de verificar esta última afirmativa, em relação aos nossos mestres, mas, principalmente, para procurar uma solução concreta para o problema, que o Bisturi decidiu-se a fazer esta consulta. Frizemos bem que esta não é, meramente, uma consulta curiosa; é um esforço dos alunos no sentido de obter um avanço concreto neste campo.

Assim expostos os motivos e objetivos da consulta, expliquemos como foi ela realizada. Decidiu-se de início fazer uma consulta tão ampla quanto possível, quer através de entrevistas, quer através de cartas aos professores. Infelizmente a premência de tempo impediu-nos de apresentar, neste número, a totalidade das opiniões.

A alguns não foi possível chegar a tempo; outros excusaram-se de responder, pois desejavam mais tempo para pensar no assunto. Muitos, porém, deram-nos respostas, e a notícia que este número do Bisturi tem a dar é a mais alvareira possível: a grande maioria dos professores declarou-se, em princípio, favorável à idéia. Assim se pronunciaram os Professores Odorico Machado de Souza, Jayme Cavalcanti, Franklin de Moura Campos, Carlos da Silva Lacaz, Charles Edward Corbett, Antonio de Barros Ulhôa Cintra, Pedro de Alcântara, Constantino Mignone e Dácio Franco do Amaral. A todos pareceu que esta representação traria como maior benefício uma mais estreita colaboração entre professores e alunos.

O CTA JÁ SE MANIFESTOU

Transcreveremos, em seguida, as particularidades mais notáveis das várias entrevistas. Lembrou o Prof. Franklin de Moura Campos que o problema já foi examinado pelo CTA da Faculdade há cerca de 8 anos, tendo este órgão tomado posição favorável à idéia; o movimento caiu, em seguida, no esquecimento, provavelmente devido ao desinteresse manifestado pelos alunos, na época; o Prof. Jayme Cavalcanti entende que seria de grande vantagem que se tivesse um estudante que trouxesse, abertamente, a posição dos alunos ao corpo docente. O Prof. Charles Corbett vê mesmo com simpatia a idéia de um estudante no CTA e na comissão de relações públicas que a direção da Faculdade pretende criar.

PROF DÁCIO:

VOTO A FAVOR

Prof. Dácio Franco do Amaral, com a experiência de um longo contacto com os alunos, lembra as vantagens enormes que daí decorrem e que compenham largamente os esforços dispendidos; no mesmo sentido fala o Prof. Mignone, que lembra ainda que muitas das dificuldades que surgem entre professores e alunos poderiam ser evitadas.

PROFS: CINTRA, ALCANTARA,

ODORICO, BASTOS

O Prof. Ulhôa Cintra, após lembrar as dificuldades que surgirão na escolha do representante e as qualidades que deverá ele possuir, conclui

Mais uma vez a nossa faculdade se coloca na vanguarda da Universidade. E, mais uma vez, um movimento iniciado pelo corpo discente vai de encontro aos desejos da maioria dos nossos professores.

Antes, já o foi assim: as campanhas iniciadas pelos estudantes em favor da construção do Hospital das Clínicas e do Internato obrigatório no 6.º ano levaram nossa faculdade a uma posição de singular destaque dentro do meio universitário; levaram, ainda, mestres e estudantes a compreender que a causa de uns é a causa de outros; mas, acima de tudo, mostraram o quanto é importante a colaboração entre os corpos docente e discente.

A nossa causa é, agora, a da representação de alunos junto à Congregação. Deixemos de lado, por um momento, o mérito da questão e olhemos a maneira pela qual tem evoluído o movimento. Começou por uma quase desprezível enquete do Bisturi junto ao corpo docente. Mas, evoluiu de tal forma que, menos de 24 horas depois de iniciada, já tinha produzido resultados surpreendentes: de 10 professores consultados, 9 eram favoráveis à idéia e 1 não tinha opinião formada. Alguns, como se pode ver ao lado, são entusiásticos defensores da idéia.

E pensar-se que, durante anos e anos a representação de alunos junto às Congregações e Conselhos Técnicos e Administrativos arrastou-se como uma reivindicação considerada utópica pela maioria dos observadores, professores ou alunos. Evidentemente, apenas a total falta de coordenação entre mestres e estudantes poderia ter produzido tão falsa perspectiva, desde que, numa escola de tão transcendental importância como a nossa, existe um tão grande número de professores que aceitariam a idéia.

E, ao mencionar a falta de coordenação entre professores e alunos, examinemos o mérito da questão: E' evidente que uma das maiores barreiras à compreensão entre estudantes e professores terá desaparecido quando aqueles tenham quem leve, abertamente, os seus problemas e as suas posições ao corpo docente, como disse tão bem o Prof. Jayme Cavalcanti. No atual estado de coisas, qualquer problema, grande ou pequeno, leva, quase inevitavelmente, a graves disputas internas e, não raro, a posições extremas tais como greves (e, hoje, sabemos a que proporções pode chegar uma greve). No entanto, se, pelo menos, houvesse uma chance de se debater o problema entre docentes e discentes de maneira oficial, a imensa maioria dos problemas encontraria solução honrosa antes de causar grandes prejuízos. Mas, tais como estão as coisas, somente quando o mundo está prestes a cair é que se chamam representantes de alunos para conversar com os professores. O meio universitário paulista teve um exemplo típico da atual situação há bem pouco tempo: antes que professores e alunos chegassem a sentar-se juntos à mesa de discussão para examinar um problema tão insignificante como a falta de condução para alunos, foi necessário que uma greve de perspectivas alarmantes se iniciasse.

Portanto, é em favor da tão apregoada, tão desejada, mas tão adiada cooperação entre professores e alunos que levantamos a bandeira pioneira da representação. E demonstra-se, mais uma vez, que, em torno de causas justas, professores e alunos não têm senão uma única e idêntica posição.

Maurício da Rocha e Silva

que o seu voto será favorável se o problema fôr levantado na Congregação; o Prof. Pedro de Alcântara também nos lembra que, da felicidade da escolha dependerá o sucesso da experiência; o Prof. Odorico Machado de Souza é, em princípio favorável à idéia, mas crê que em apenas certas reuniões seria interessante a presença de estudantes.

Deixamos propositadamente para o fim a posição dos Professores Eurico da Silva Bastos, Diretor da Faculdade e Carlos da Silva Lacaz; o Prof. Bastos declarou-nos que, em princípio, nada tem contra a idéia da representação.

PROF: LACAZ:

POSITIVAMENTE A FAVOR

O Prof. Carlos da Silva Lacaz voltou a confirmar o ceneito de que goza, como amigo incondicional dos alunos. Na intenção de dar seguimento a nossa ação, o Prof. Lacaz comprometeu-se a levar a nossa reivindicação à Congregação, impedindo, assim, que uma idéia que conta com grandes simpatias morra por falta de ação prática.

AS RAZÕES

DO PROF. DECOURT

Dos professores consultados, apenas um opôs restrições à idéia; e é com o profundo respeito e a grande admiração que sempre devotamos ao grande mestre, que transcrevemos a opinião e os motivos do Prof. Luiz Decourt. Entende ele que existem, dentro da Congregação, problemas de ordem pessoal e íntima que não devem transpor os limites da mesma Congregação; entende, ainda, que estas situações são tais que os alunos, sem o amadurecimento que apenas os anos lhes darão, dificilmente as compreenderiam.

Em resumo, a grande maioria é favorável à representação dos alunos junto à Congregação. Quanto ao CTA, à exceção do Prof. Corbett, todos manifestaram reservas alegando que é um órgão essencialmente administrativo e que suas decisões mais importantes são submetidas à Congregação.

AS NOSSAS RAZÕES

Encerrando, gostaríamos de expor a nossa opinião. Entendemos que a representação de alunos junto à Congregação é, primordialmente uma medida de

justiça. Pois se somos nós, os alunos, um dos dois objetivos essenciais da própria existência da Faculdade (o outro seria a pesquisa científica) e considerando que somos maiores de idade e, portanto, juridicamente responsáveis, é apenas lógico e normal sejamos também ouvidos quando se trata de decidir sobre o nosso destino, de saber o que se pretende fazer de nós. Este é o princípio pelo qual nos batemos. Tudo o que resulte, como benefício, será apenas uma decorrência lógica de uma posição justa. Portanto, com todo o respeito que lhe devemos, somos obrigados a nos colocar em campo oposto ao do Prof. Decourt.

Não podemos aceitar, como inteiramente justa a idéia de sermos chamados apenas para certas reuniões da Congregação, pois isso seria faltar ao princípio que expusemos acima; nem, tampouco podemos aceitar a idéia que uma congregação de professores universitários, por definição, a mais alta elite intelectual de que uma nação pode se orgulhar, possa ter problemas a discutir que não possam ser discutidos na frente de quem quer que seja.

Encerando, por ora a questão, informamos que o CTA, respondendo a uma consulta do Conselho Universitário, pronunciou-se favoravelmente à representação de alunos nas congregações. Portanto, é chegada a hora de termos um representante na Congregação.

M. R. S.

O CRESCIMENTO.

(Concl. da 6 pag.)

de escolas semelhantes em Araçatuba, Santos e Tupã (?). Esse surto de expansão universitária, conjuntamente com os anteriores, a muita gente pode passar como indicio excelente de alto progresso cultural de nosso estado, na realidade, porém ele se constitui em sintoma de verdadeira desagregação de nossa maior Universidade, visto a maneira como se faz: sem qualquer critério justo, sem nenhum estudo adequado, as mais das vezes por meio de faculdades que de escolas superiores pouco mais têm além do nome, orientado não por técnicos competentes no assunto mais sim por conhecidos politiqueros que todos sabem o que são e o que valem. Dessa forma, a ampliação da nossa Universidade considerada nas bases em que tem se processado, vai paulatinamente se transformando graças ao conformismo ou apreciação parcial de muitos e a inconsciência habitual dos representantes do povo, no fator primordial de sua decadência.

CRIAOURO ACLIMAÇÃO
 Filhotes descendentes de canários «roller»
 cujos reprodutores vieram da Alemanha
ARMANDO RODRIGUES
 Sócio n.º 6 - Fundador da U.C.R.B. e R.C.S.P.
 R. S. Felício dos Santos, 344 - (Aclimação)
 SÃO PAULO

O Crescimento da Universidade e a Ampliação do Ensino Médico

ROBERTO FUNCHAL

A recente fundação de novas faculdades de Medicina no interior do Estado vem suscitando, em nosso meio, muitos comentários, geralmente de irrestrita exaltação à medida; esta opinião honesta e respeitável, porém, é passível de alguns reparos. Realmente, à primeira vista, o fato é daqueles que parecem somente merecer encômios; entretanto, a um exame mais atento e em termos mais amplos, iremos surpreender também seu lado negativo que a muitos tem passado despercebido e que deriva fundamentalmente do que já se tornou praxe em nosso estado: — a exploração, com fins políticos, de criação de novos institutos de ensino superior.

Diga-se, de início, que, em princípio, ninguém põe em dúvida a necessidade, em termos absolutos, da formação de maior número de médicos no país, tendo em vista o nosso atual índice, de um médico para 2.500 habitantes, aquém daquele considerado como ideal (1 para 1.500); embora bem considerada, essa desproporção não é assim tão gritante como muitas vezes se pensa ser.

Haja vista que há países, com deficit igual quase a esse, cujas populações apresentam condições de salubridade muito superiores às nossas. Esse aparente paradoxo se explica porque tal situação não depende tanto do número de facultativos disponíveis, mas sim, em primeiro lugar, de sua distribuição homogênea no seio da população; em segundo lugar, e preponderantemente do grau de desenvolvimento dessa população, porquanto, como facilmente se deduz, há uma estreita relação entre o estado de higidez de um povo e seu nível econômico, cultural e social, o que hoje é admitido pelos mais ilustres sanitaristas como conceito básico para a compreensão da distribuição geográfica e social dos fenômenos de patologia humana.

Outrossim, examinando-se os problemas medico-sanitários de uma coletividade à luz desse conceito fundamental, vamos ter uma visão bem mais ampla e diferente daquela obtida pela simples análise do ponto. Isto se aplica também perfeitamente ao caso brasileiro; assim é, que consultando-se, por exemplo, nossas estatísticas de endemias rurais, à primeira vista, somos levados a admitir a urgente necessidade da formação de um verdadeiro exército de médicos para acabar com o problema de saúde pública representado por milhares de doentes de Chagas, esquistossomose, leishmaniose, etc.; a verdade, porém, é que isso não resolveria por si só a questão, se as grandes populações camponesas e proletárias do país continuarem com o mesmo padrão de vida: — comendo mal, morando em casas de barro, andando descalças, tomando banho em lavas infectas, etc.

Em suma o índice sanitário do país não pode ser melhorado unicamente com a solução lateral do aumento do número de médicos, pois, isso em uma análise, pouco afetará o nível higiênico da população sem acesso aos recursos terapêuticos adequados e suas possibilidades de profilaxia das grandes endemias infecciosas e parasitárias, fatores dependentes direta ou indiretamente do problema fundamental da na-

ção: — o subdesenvolvimento.

Do acima escrito não se conclua sermos contrários a que se promova a um aumento do número de médicos entre nós mediante a criação de novas escolas médicas, o que é uma necessidade óbvia para, se não resolver, pelo menos minorar nossos problemas sanitários, bem como atender ao incremento demográfico da população. Nossas escolas médicas são necessárias: — isto é ponto pacífico; porém estabelecida essa premissa e raciocinando-se com o que ocorre em nosso estado, que é o que de mais perto nos toca, vejamos o que se passa em matéria de expansão do ensino médico superior em geral.

Inicialmente, considerando-se a complexidade inerente à criação e instalação de novas faculdades, envolvendo pontos fundamentais como professores de real capacidade, verbas suficientes, instalações adequadas, organização interna, possibilidades do meio social, etc., era de se esperar a elaboração, por um conselho universitário de membros categorizados, de um plano racional de ampliação da Universidade, plano esse realizado com a finalidade de atender às necessidades da população em crescimento, bem como apreciar a capacidade cultural e material das novas faculdades, avaliar as disponibilidades econômicas para mantê-las satisfatoriamente e ajustar as reais condições de funcionamento das mesmas em boas ou más condições.

Infelizmente, não é isso que tem ocorrido, pois sujeito unicamente à alçada de nossos deputados estaduais, o crescimento da Universidade vem sofrendo os efeitos maléficos dessa interferência indébita, caracterizada por uma total irresponsabilidade que se manifesta pela evidente deturpação política de criação de novas escolas superiores, feita por aqueles legisladores empenhados por esse meio de exploração demagógica da vaidade das cidades interioranas, transformando a criação de novas faculdades antes e acima de tudo em recursos eleitorais.

Essa é a única explicação plausível que se tem para o verdadeiro enxame de escolas superiores, criadas desordenadamente, em massa, pelo interior do estado. Sendo de notar que a maioria sem verbas necessárias para a execução de um programa mínimo de ensino e pesquisas, funcionando em prédios impróprios, desprovidas de material didático suficiente e contando com professores de competência duvidosa, além de outras deficiências, não podem oferecer a seus alunos as condições mais elementares para um aprendizado pelo menos razoável. Ao lado disso, a orientação moral que as regem nem sempre tem sido das mais salutares, pois, há dessas autênticas fábricas de diplomas que sequer a frequência real às aulas exigem com muito empenho de seu corpo docente.

Por outro lado, como que para acentuar mais o caráter de artificialismo, leviandade e subordinação às conveniências político-partidárias, que vêm presidindo ao crescimento da Universidade, há o detalhe sintomático de o mesmo ocorrer, mais ou menos, em períodos improváveis, que a premissa de tempo então lhe imprime, além do aspecto curioso de se processar abrangendo de cada vez determinada ra-

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DA LIGA DE DIAGNÓSTICO PRECOCE DO CÂNCER DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ

ALEXANDRE LOURENÇO

O relatório que vamos apresentar sobre os trabalhos da L.C.C. visa levar ao conhecimento das colegas a existência dessa Liga, seu funcionamento e suas aspirações e oferecer a todos os interessados uma atividade para-curricular de alto interesse, como aprendizado.

São bem modestos os números que apresentamos, mas parece-nos ter-se iniciado um serviço, que pelo seu alcance poderá, não prevenir o Câncer em nosso meio, mas estabelecer bases para a difusão da prevenção do câncer entre os próprios alunos da FMUSP, levando ao seu conhecimento a prática dos processos, que devemos tomar para o diagnóstico precoce do câncer. Em breve, o serviço da Liga será estendido a outras especialidades, como câncer gástrico, pulmonar, da boca, faringe e colons, por exames diretos e citológicos. Teremos assim em mãos um vasto campo, que permitirá-nos, além de um bom aprendizado, também estudos estatísticos de incidência e evolução do câncer em nosso meio e nos dará do valor das diferentes provas de diagnóstico precoce e quicá do aperfeiçoamento e estudo das mesmas.

Continuando o trabalho iniciado pela direção da Liga do ano anterior, mantivemos contacto com várias clínicas, a fim de iniciar o atendimento público

mificação da Universidade; de acordo com a moda ou preferência da época. Dessa forma tivemos já, há tempos, o ciclo das Faculdades de Odontologia e Farmácia que brotaram como cogumelos pelo interior do Estado, mesmo em cidades cujas notórias deficiências materiais e culturais, ao lado da plethora dos respectivos profissionais, as teriam contraindicado ao exame do mais elementar bom senso. Seguindo-se a essa, vieram novas epidemias de escolas superiores notadamente de Direito e Filosofia, instaladas geralmente nas mesmas precárias condições das anteriores e, na maioria das vezes, sem qualquer estudo prévio, além da apreciação superficial de comissões técnicas da Assembléia feita mais com a finalidade de preencher formalidades legais. Simultaneamente a essa proliferação de faculdades, é oportuno lembrar a situação de indigência em que se abandonaram os escalões inferiores do ensino oficial, resultando assim na situação, anômala observada em não poucas cidades do Estado em que, ao lado de uma ou duas faculdades perfeitamente dispensáveis encontramos o ensino primário reduzido à capacidade suficiente para atender apenas a pouco mais que a metade da população infantil em idade escolar.

Nisso se constituiu a decadente «expansão cultural para o interior» que finalmente culminou, ao calor e incentivo da sucessão estadual, com a nova moda: a das faculdades de medicina.

Assim tivemos, nos últimos meses do ano findo, aprovadas pela assembleia e sancionadas pelo Executivo as leis que criam as Faculdades de Medicina de Bauri, Campinas, Botucatu, Catanduva e Lins.

Sem dúvida, com mais essas escolas será sanado e mesmo superado de longe uma deficiência real de nosso meio qual seja a relativa falta de médicos; entretanto, visto o que tem ocorrido com suas antecessoras de outros ramos do ensino superior, criadas igualmente em avultado número dentro de escassos limites de tempo e, por isso mesmo, contando com reduzidos recursos financeiros, culturais e humanos para funcionarem como devem, torna-se legítimo cogitar-se da possibilidade provável de a maioria delas desenvolver um padrão bem inferior de ensino e, nesse caso, com o agravante da própria natureza dessa escolas. Em segundo lu-

gar, como fator negativo a acrescentar-se ao anterior, há a tendência, já delineada para essa nova fase do crescimento da Universidade de São Paulo se processar anárquicamente, ad infinitum, visto que nem bem sejam transcorridos alguns meses após a criação daquelas cinco escolas médicas e já se registrar a aprovação em segunda discussão na Assembléia, da lei criando mais uma: a de São José do Rio Preto, além de já se iniciarem movimentos pelos representantes políticos dos respectivos municípios no sentido da fundação

(Continua na 5.a pag.)

para diagnóstico precoce do câncer; pelas facilidades tanto de ordem técnica e por podermos contar com pessoal necessário e adequadamente preparado, iniciamos nosso serviço para diagnóstico precoce de câncer genital no Serviço de Ginecologia do Hospital das Clínicas.

A Liga, que funcionou exclusivamente com estudantes acima do 3.º ano do curso médico sob a supervisão de Assistentes e Médicos da Clínica Ginecológica, atendeu, todas as segundas-feiras à tarde — fora do período de aulas — pacientes sem queixas ginecológicas vindas de ambulatório de outras clínicas e com mais de 30 anos de idade. Essas pacientes eram submetidas a interrogatório especializado e exame ginecológico completo, inclusive colposcopia e colpocitologia, sendo estes exames feitos pelo Serviço da Clínica Ginecológica.

A Liga, que iniciou suas atividades a 7 de março de 1958, funcionou até 13 de novembro de 1958, tendo sido examinadas 115 pacientes com as quais foi feito:

- 108 exames citológicos;
- 61 exames colposcópicos;
- 13 biópsias.

Os exames citológicos dos esfregaços vaginais com coloração e classificados pelo método de Papanicolaou deram os seguintes resultados:

- Tipo I — 76
- Tipo II — 24
- Tipo III — 8
- Tipo IV — 0
- Tipo V — 0

Das 13 biópsias indicadas e feitas houve um caso de Ca plano celular; a essa doente correspondia um exame citológico tipo III; a paciente foi transferida para o Serviço de Ginecologia e operada.

As outras pacientes com exame citológico tipo III, estarão sob o controle da Liga onde farão exame cada 6 meses.

Para 1959 o programa de atividades da Liga está ligeiramente modificado: a colposcopia será feita também por membros da Liga — estudantes — orientados e supervisionados por médicos as pacientes com afecções ginecológicas não cancerosas, que exijam tratamento e seguimento de ambulatório.



BEUNIT

Vitaminas do complexo B

FILIAIS
RIO DE JANEIRO
PORTO ALEGRE
BELO HORIZONTE
RECIFE
CURITIBA
SALVADOR

Ind. Farm. Endochimica S. A.

MATRIZ
SÃO PAULO — BRASIL

END TELEGRÁFICO
CAIXA POSTAL 7.230

Socialização da Medicina

David J. Lerer

No artigo I desta série viu-se rapidamente que a Medicina, pela relação dialética que mantém com a infra-estrutura das populações acompanhando a evolução destas. Ora, os povos estão caminhando e às vezes saltando para o socialismo. A Medicina por sua vez marcha também a passos cada vez mais largos para a socialização.

Retê-la? Não é possível. Toda medicina neste sentido é uma tentativa para deter o carro da História. Tem caráter retrógrado e trará à classe médica prejuízos futuros bem maiores que as vantagens imediatas.

O fato destas conclusões serem extraídas do cotidiano, da luta no dia a dia, de serem claras como água de poço não quer dizer que todos as enxerguem. Há ainda os que defendem a medicina liberal. Muitos fazem-no honestamente, por ideal. Alguns, por interesse puramente comercial. Todos porém apresentam razões, uma das quais é

A LIVRE ESCOLHA

...do médico pelo paciente. E' sem dúvida um fator de peso na eficiência de uma terapêutica. Mas como é que isto é possível num país com doze milhões de desempregados e grande parte da restante população em ocupações sub-econômicas? Com 2.200 calorias per capita? Com um consumo individual médio de 28 litros de leite por ano? Interessaria saber que apenas cerca de 20% da população do país pode escolher médico (2). Se morar em cidade grande, é evidente. Porque se morar numa cidadezinha só pode ir mesmo ao médico local. Se houver médico, bem entendido.

Ora, a permanência de um privilégio para estes 20%, que exclui as classes realmente produtoras, o camponês e o operário, é motivo suficiente para permanência da medicina liberal?

LIBERDADE NAS PRESCRIÇÕES...

...que o médico perderia com a socialização.

Ora, mesmo na medicina liberal o médico não recebe ao cliente pobre o último antitélico, de mais largo espectro. E' penicilina mesmo, que custa mais barato. A liberdade de prescrever é mais ilusão que realidade.

EXISTÊNCIA DE INTERMEDIÁRIO...

...que seria o Estado. Realmente. Um intermediário que pode tornar-se incomôdo, indifferente e frio.

Mas na medicina liberal não há também um intermediário, muito mais incômodo, indifferente e frio? E muitas vezes imoral?

Nós, dentro desta estufa que é o H.C. e a Faculdade, não sentimos o vento frio da necessidade que sopra lá fora. Nem o cheiro de dinheiro que vem carregado. Mas na cidade grande acontecem várias coisas de que muitas vezes nem se tem notícia. Não exatamente pela avidez do di-

neiro, — que o professor Clementino Fraga injuntamente classificava de doença da classe — mas sim devido a necessidade de o médico sustentar a família.

A LIVRE CONCORRÊNCIA...

...serio o estímulo para o aperfeiçoamento cada vez maior do médico.

Por outro lado é também a mãe de uma triste progênie. O primogênito é o tradicional e cordial inimizado entre médicos de especialidade igual, tão glosada; por Molière e de tão grande fama que até foi batizada em latim, "invidia meelicorum". Ainda esporeado pela necessidade o médico muitas vezes descamba para a-borteiro, cai na deprimente "dicotomia", dá resultados de Raios X e de exame laboratoriais sem ter feito os exames, procede a gatroctomias em que se abre a parede abdominal, depois se sutura a parede abdominal e pronto. Às vezes se alia ao hoteleiro que lhe envia clientes. Ao farmacêutico a quem envia clientes ganhar da porcentagem por receita. Ou então se instala junto à Estação da Luz ou do Norte passando a explorar o nordestino que chega com o corpo e a bolsa arrebatados pela miséria, atraindo-o com uma consulta de Cr\$ 100,00 para depois arrancar-lhe o couro com uma série de exames suplementares...

E' lógico que estes marginais apesar de mais numerosos do que se pensa, ainda assim



constituem uma incidência bem reduzida. O fato é que existem.

Ainda a livre concorrência leva os médicos a uma grande concentração nas cidades, onde não mas frequentes os clientes que pagam bem. E' a pletera médica com o progressivo empobrecimento do médico. Procede-se um círculo vicioso: o consultório quase vazio (devido ao número cada vez maior de pessoas, mesmo de classe média, que se servem da medicina socializada); faz com que o facultativo eleve o preço das consultas, o que vai esvaziar ainda mais o consultório. Nestas alturas, se o pobre do médico não tiver a moral de um varão de lutar ou um sógro razoavelmente bem na vida...

A concorrência médica prossegue o médico.

QUANDO O MÉDICO VIRA...

...funcionário público perde o estímulo para aprender. A isto basta citar os catedráticos e assistentes das cadeiras básicas e que geralmente são os que mais estudam, apesar de serem autênticos funcionários

públicos em regime de tempo integral. Exatamente por isso têm mais tempo para estudar e pesquisar. Por outro lado, o cidadão que estuda Medicina só para transformá-la em notas de banco é indigno de tocar num doente. E' realmente raro ver estudantes ou médicos jovens pensando desta forma. Só mais tarde, e



luta pela vida numa sociedade "em que todos têm as mesmas possibilidades" é que vai arrastar-lhes a fibra e o idealismo da juventude.

A COEXISTÊNCIA DA MEDICINA LIBERAL E DA SOCIALIZADA...

...como os próprios fatos os demonstram, não é ainda a solução adequada. E' uma etapa de transição para uma socialização total, e como tal deve ser encarada. As falhas que apresenta são exatamente as decorrentes de um sistema em plena decadência (que já foram assinaladas) adicionadas às de um sistema ainda não cristalizado:

— O médico ganha mal em emprego público, relativamente ao nível de vida que está habituado a manter, pois o governo o considera como atividade supletiva da clinica privada e o médico também. Não tem portanto estímulo e união suficiente para uma luta séria neste sentido.

— Porisso tende a arrumar mais de uma colocação pública ou autárquica (fora o consultório). Se conseguir que sejam sinecuras, melhor (registram-se exceções honrosas).

— Há uma considerável dispersão de atividades e de tempo. De um modo geral passa a faltar tempo para atividades extra-profissionais e mesmo para estudar.

— A semi-socialização, adicionada à pauperização progressiva do povo brasileiro leva a rarefação cada vez maior dos clientes particulares. Esta rarefação, junto à especialização progressiva, à custosa aparelhagem moderna tornam tremendamente elevados os honorários da clinica privada.

A ÚNICA SOLUÇÃO

A socialização integral da Medicina chegará a medida que forem evoluindo as relações de produção e que se agudizarem as lutas de classe. Os que tiverem uma certa perspectiva histórica perceberão que não há alternativa e portanto não se trata de ESCOLHER a socialização total da medicina que de qualquer forma é a solução melhor para o médico. Trata-se de ter a sabedoria necessária para agarrar um raio da roda da grande carreta e empurrar a História à frente, lutando para que a desligada classe se una.

Este é realmente o problema fundamental. Porque individualmente grande parte dos profissionais, especialmente os mais jovens já estão convencidos de que a socialização é o caminho por excelência. Surge porém de imediato a objeção: "está certo, é, mas isto só vai ser possível numa sociedade totalmente socializada. A socialização unilateral é injusta, e não poderia ser efetuada com proveito num meio como o nosso pois não temos os recursos de instalação e equipamento que ela requer. Outrossim o médico tem sido mal remunerado e levará grande esvaziamento se houver socialização total nas atuais bases salariais".

Estas objeções são muito justas, e características de to-

da a crise de um país sub-desenvolvido em início de industrialização: a contradição crescente entre o aumento das necessidades e a distribuição de recursos e serviços, que não consegue acompanhar este aumento. O crescimento da contradição torna cada vez mais aguda a luta social, que só se resolverá em novas formas econômicas. Portanto a socialização total chegará. Ora, todas as categorias profissionais, mesmo entendendo o sentido da época apresentam objeções semelhantes, umas as outras. Sabem porém que a solução a estas objeções não é permanecer em formas anacrônicas nem nos meio termos deformantes. Pelo contrário, sabem que as objeções só deixam de existir quando se transformarem em reivindicações. E que estas só podem ser lançadas quando há união de todos os interessados.

Neste sentido é que se definem as tendências atuais da classe médica. UNIÃO é a palavra de ordem. União para ter a força necessária a lançar reivindicações e vê-las realizadas.

Há uma série de reivindicações que desde já se apresentam:

— Evitar a desvalorização artificial do trabalho médico nas instituições de Seguro Social. Lutar para que este deixe de ser instrumento de especulação política.



— Fixar a duração máxima normal do trabalho médico. Lutar pelo regime de tempo integral com um salário mínimo que suprima a necessidade da clinica particular. Lutar por uma escala móvel de salários, que permita reajustá-los automaticamente ao aumento do custo de vida.

— Lutar pela extensão da em número e qualidade de toda espécie de empreendimentos no setor assistencial e profilático: Postos de Higiene, Centros de Saúde e Puericultura, Hospitais Gerais e especializados, Ambulatórios Populares, etc. Combater a desigualdade na distribuição de recursos e serviços médicos nas Capitais e no interior, bem como sua duplicidade.

— Lutar pela extensão da socialização ao fornecimento de medicamentos, que o bra-

O ESTUDANTE E A LEI DO 0,5%

Um anteprojeto, do qual a Congregação de Alunos já tomou conhecimento e pelo qual devemos nos debater, é o da lei do 0,5%.

Todos devem conhecer a situação em que se encontra a pesquisa em nosso meio, especialmente na Universidade, onde a maior parte da verba do orçamento é gasta para manter a burocracia, construção de prédios, etc.. Pouco resta para equipamento científico, intercâmbio cultural e bibliotecas.

No entanto, a pesquisa científica não pode ser considerada como um luxo, pelo contrário, é uma necessidade premente, em face do desenvolvimento de indústria e das possibilidades de expansão econômico que temos, as quais não devem ser tolhidas. É fácil avaliar a situação, quando se atenta para: 1 — as consequências para o lado da indústria farmacêutica, 2 — da falta de pessoal habilitado, 3 — o entrave que representa para a indústria de adubos de Petrobrás, 4 — para a agricultura e pecuária, pois necessitamos de melhores conhecimentos científicos a respeito de nossas pastagens e moléstias dos rebanhos.

Precisamos de cientistas para industrialização da energia, para o desenvolvimento das vias de comunicação, para o saneamento, para a indústria de matéria prima e manufaturada. Sem pesquisa não há indústria, sem indústria, não saímos de uma economia primária, e assim finalmente, a coletividade que é atingida; são as nossas populações que têm de arrastar indefinidamente um padrão econômico-social baixo, com as deficiências alimentares, culturais assistenciais, que já conhecemos. Sómente uma transformação profunda da economia pode quebrar o ciclo vicioso de miséria — ignorância falta de higiene e de profylaxia — doença e mais miséria!

— doença e mais miséria! O esforço pelo desenvolvimento de pesquisa é esforço

— doença e mais miséria!

Finalmente, compreender

ço pela emancipação econômica!

De acôrdo com o art. 123, da constituição do Estado, 0,5% da receita ordinária deverá ser destinada à pesquisa através de uma Fundação organizada em moldes estabelecidos por lei. Cabe ao Executivo a organização dessa fundação e a apresentação de projeto de lei à Assembléia Legislativa.

O prof. Zeferino Vaz, visando ao cumprimento desse dispositivo constitucional, fez um anteprojeto no qual adota o esquema de um Conselho Geral, com representação da Universidade, de outros institutos do Estado, de Universidades particulares, da Federação e Ass. rurais, da Federação das Indústrias, da A. comercial e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência Assim os Institutos científicos ficariam com dois tipos de recursos:

a) O orçamento de praça, para atender às obrigações de pagamento do pessoal, manutenção de edificio e outras obrigações de caráter permanente.

b) Recursos financeiros de manipulação mais livre, para atender despesas com planos de trabalho científico, intercâmbio cultural, bolsas de estudo, etc., conforme é previsto no art. 123.

A lei do 0,5% viria possibilitar o recrutamento de indivíduos jovens recém formados e seu aperfeiçoamento, através de bolsas de estudos. Renovando o ambiente dos departamentos das Faculdades dos laboratórios, o que não só possibilitaria a expansão das reais possibilidades dos novos cientistas como dinamizaria o trabalho dos institutos de Ciência, levando-os quiçá por rumos mais arrojados e progressistas.

E, pois, um assunto de alto interesse para o universitário a Lei do 0,5%, por seu cunho econômico-social e pelas possibilidades novas de trabalho.

Jeni Maria M. Coronel

sileiro via de regra não pode comprar. Lutar para que os próprios médicos, por meio de seus órgãos de classe exerçam a fiscalização dos medicamentos.

Finalmente, compreender

ALVES, SILVA & CIA. LTDA.

COMÉRCIO DE CAFÉ



PRAÇA DOS ANDRADAS, 12 - 6.º AND.

TELEFONES: 2-2570 e 2-8929

SANTOS

«VISCOUNT»

DIARIAMENTE ÀS 16 HORAS,

PARA

PORTO ALEGRE

VÔO DIRETO

«VASP»

Libero Badaró, 89 — Tel. 33-4124

10 MESES PARA PAGAR mais dinheiro para levar



Mais dinheiro para levar para casa, para seus negócios, para suas férias! Adquirindo sua passagem pelo Credi-Lóide só precisa pagar 10% do valor o resto... deixa para depois. Assim, você chega com mais dinheiro ao seu destino após uma rápida e agradável viagem nas grandes aeronaves do Lóide Aéreo.

crediLóide

Abra seu crédito agora, viaje quando precisar
É muito fácil abrir seu crédito. Abra-o agora e tire sua passagem. No eventual caso de aumento de tarifas, você não pagará mais porque sua passagem é válida por um ano.
10 meses de prazo
Pelo Credi-Lóide, o valor da passagem é dividido em 10 mensalidades, sendo que a primeira é a entrada.
Nenhum acréscimo
Nem juros, nem taxas. A dinheiro ou a crédito o valor das passagens do Lóide Aéreo é sempre o mesmo: o mais barato da aviação comercial brasileira!

Credi-Lóide é mais um serviço do



a mais próspera companhia de aviação comercial

Indicador Profissional

DR. WALDEMAR PUCI

CLÍNICA MÉDICA
Consultório: R. MARCONI, 138 — 9.º AND. — FONE: 34-1834
AS 15 HORAS
Residência: AVENIDA ANGÉLICA, 1648 — AP. 24

CLÍNICA DE OLHOS ARMANDO GALLO
OCULISTAS: Dr. Armando Gallo, Dr. B. Borges Vieira, Dr. Sérgio Valle, Dr. Edson de Freitas Teixeira, Dr. A. Malta, Dr. Candido A. Bresser Soares, Dr. José Ignacio Vieira

ORTOPEDISTAS: Cacilda Ferreira Gallo, Hildegard Braack, Cecília B. Moro, Lia Guidi, Marlene C. Spadaro
VIADUTO 9 DE JULHO, 181 — 9.º ANDAR — TEL.: 35-4159
SÃO PAULO

PROF. DR. JOSE' MEDINA

CRM 1844
Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina
MOLESTIAS DE SENHORAS PARTOS - OPERAÇÕES
Consultório: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 1234 — FONE: 32-2902
Residência: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 1030 — FONE: 32-7073
CONSULTAS DAS 14 ÀS 19 HORAS

DR. MARTINS DE CASTRO FILHO

CLÍNICA EXCLUSIVA DE MOLESTIAS DA PÉLE E SIFILIS
Moléstias do couro cabeludo, das unhas e da boca — Remoção de verrugas e tratamento de cicatrizes pelo método de Kurtin (Skin Planing) — Diagnosticos anatomo patológicos e micológicos — Criocautério — Electro coagulação — Etincellage de alta frequência
RUA QUINTINO BOCAIUVA, 122 — FONE: 32-2545
SÃO PAULO

DR. JOAQUIM MARCELINO FILHO

DOENÇAS DE CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL — PARTOS
Consultório: PRAÇA DA ARVORE, 33 — 1.º ANDAR — APTO. 14 — TELEFONE: 70-1868
Residência: RUA OSCAR FREIRE, 686 — APTO. 2

DR. OSCAR PIMENTEL PORTUGAL

MOLESTIAS DO CORAÇÃO
Consultório: RUA SABARÁ, 550 — TEL.: 51-6249

DR. PLINIO BOVE

DOCENTE DE CLÍNICA CIRURGICA DA FAC. MEDICINA DA UNIV. S. PAULO
Cirurgia do Fígado, Vias Biliares e Pancreas
Cons.: AV. IPIRANGA, 1064 - De 15 às 19 hs. — Tel. 34-2719
Residência: — Tel. 80-5947

Dr. NELSON AUGUSTO PEDRAL SAMPAIO

EX-INTERNO DO HOSPITAL DAS CLINICAS
OBSTETRICIA E GINECOLOGIA
Cons.: Viaduto 9 de Julho, 181 - 10.º and. - S/1001 - Tel. 36-4989
Residência: Av. República do Líbano, 592 - Tel. 80-6559

DRA. DIRCE CAMARGO RODRIGUES

MOLESTIAS DE SENHORAS
C. R. M. 2598
Cons.: Rua 7 de Abril, 118 - 6.º Andar - Conj. 602 - Fone 35-1771
Residência: FONE, 62-2989
SÃO PAULO

DR. EDWIN BENEDITO MONTENEGRO

MÉDICO
Assistente da Clínica do Prof. Dr. B. Montenegro
Residência: Rua São Vicente de Paula, 501
Consultório: Rua Marconi, 34 - 9.º and. (das 16 às 18 hs.)
Apto. 503 - Fone: 52-4252 Fone: 34-8538
SÃO PAULO

DR. JOAQUIM GONCALVES FILHO

REUMATISMO - CLÍNICA MÉDICA
Consultório: RUA CONS CRISPINIANO, 53 7.º Andar
Fone 36-4292 — Das 13 s 17.30 horas
Residência: RUA TOPAZIO, N.º 64 — TELEFONE, 31-2159
SÃO PAULO

Senhor Doutor

anuncie no

«O BISTURI»

AGÊNCIA MARÍTIMA DICKINSON S. A.

Telegramas: «DICKINSON»

RUA XV DE NOVEMBRO, 164
FONES: 2-7191 - 2-7192 e 2-7193
CAIXA POSTAL: 210 — SANTOS

PRAÇA DA REPUBLICA, 386 - 11.º ANDAR
FONES: 32-4456 - 32-4457 e 32-4397
CAIXA POSTAL: 2635 — SÃO PAULO

AGÊNCIA MARITIMA DICKINSON (Paraná) S. A.
RUA FARIA SOBRINHO, 267 — FONE: 633
CAIXA POSTAL: 192 — PARANAGUA

AGÊNCIA MARITIMA DICKINSON (Rio de Janeiro) LTDA.
PRAÇA MAUÁ, 7 9.º - SALA 911
FONE: 23-4634 — RIO DE JANEIRO

PRONTO SOCORRO FRATURAS

Av. Paulista, 2.345 — Tel. 31-6576 — São Paulo

Dr. Bernardo Nelson Barretti

Dr. Enéas Brasiliense Fusco

Dr. João Alvarenga Rossi

Dr. Milton Peixinho

Dr. Naif Aiex

Dr. Nelson Carrera

Atendemos Dia e Noite

A Sêca do Nordeste

«Os sinos de Nagasaki» é um livro do escritor japonês Paulo Nagai. Embora não acreditemos muito na validade de certos conceitos ali expostos, julgamos interessante a leitura, pelo que o aconselhamos aos interessados. Descreve-se ali o desastre que desabou sobre Nagasaki no dia 9 de agosto de 1945 às 11 horas e dois minutos. Nesse dia foi lançada sobre essa cidade uma bomba atômica que explodiu a 550 metros de altitude. «Um tufão, com velocidade de 2.000 metros por segundo, derrubou, pulverizou, dispersou tudo quanto encontrou, em seguida, o vácuo formado no centro da explosão, aspirou os escombros para cima, a uma grande altura, e por fim deixou cair essa massa gigantesca. Além disso, o calor de 9.000 graus gerado pelo fenômeno, queimou tudo o que existia. E os fragmentos da bomba, caindo em chuva de metal incandescente, atearam incêndios por todos os lados. Houve uns 30.000 mortos, mais de 100.000 feridos. Dezenas de milhares de outras pessoas foram vitimadas pela chamada doença atômica, causada pela radioatividade.» É o Dr. Paulo Nagai, professor de Radiologia da Faculdade de Medicina de Nagasaki, quem conta isso. Testemunha que viveu na própria carne os horrores da catástrofe (faleceu em consequência de ferimentos ocasionados pela explosão) pode melhor que ninguém relatar os fatos. Leia o livro.

A bomba foi lançada por um B-29 norte-americano e, por temor a novos ataques semelhantes, o imperador japonês foi levado a assinar o armistício, nas bases exigidas pelos americanos. Convém lembrar que a guerra praticamente havia terminado, não sendo necessária medida tão drástica. Talvez houvesse o temor de que a Rússia penetrasse antes que os EUA em território japonês, o que roubaria aos americanos tão importante mercado. O Japão acabava de engolir uma cachorra insossa. Até hoje

as tropas americanas não abandonaram seu território. Aproveitando a ocupação total do país, grupos norte-americanos adquiriram as ações dos monopólios de aço japoneses, Mitsui, Nippon, Sangyo, Mitsubishi e outros, que haviam baixado acentuadamente em virtude de Mac Arthur ter suspenso a sua cotização. Posteriormente essas ações foram valorizadas. O mesmo ocorreu com as companhias de petróleo japonesas, suas grandes companhias de comércio, etc. O fato é comprovado pela análise da dívida do Japão para com os EUA que, de 200 milhões de dólares em 1946, sobe em 47 para 350, para 427 em 48, atingindo, em 1950, 1.720 milhões de dólares. A dívida cresceu o que compromete seriamente a liberdade política do Japão.

Isto foi no Japão. Que tem o Nordeste brasileiro com o peixe?

Muito. Também no nosso nordeste têm sido lançadas tais bombas, o que motivou a pronta intervenção de renomados cientistas que, como Cesar Lattes, protestaram veementemente. Tais explosões experimentais foram realizadas como previa o «Projeto Argus», considerado como «o maior segredo militar norte-americano do após guerra». As explosões foram realizadas a cerca de 500 quilômetros de altitude numa região do nordeste brasileiro, próxima de base de Fernando de Noronha. A finalidade das explosões é, ao que se supõe, a criação de uma «zona de interferência» capaz de bloquear a rede de radar do «inimigo» por prazo limitado.

Agora, perguntamos nós. O que tem o nordeste com o peixe? Por que não se fizeram tais experiências nos EUA mesmo? Onde fica, em tudo isso o governo brasileiro? E o povo brasileiro não merece satisfação?

Tôdas essas perguntas nos assaltam trazendo-nos à memória o livro de Paulo Nagai. Afinal o Japão estava em guerra com os EUA o que, embora não diminua a gravidade

J. R. Carvalheiro

da medida, pelo menos explica até certo ponto o lançamento da bomba. Mas nós não estamos em guerra com os EUA, pelo menos em aparência. Ou será que estamos? Será que aquele pedaço do nosso território que foi alienado serve para a garantia do Mundo Livre ou para garantir a falta de liberdade do mundo? Não será Fernando de Noronha uma perene e terrível ameaça, ali mesmo nas nossas costas?

Perguntas tão difíceis de formular quanto de responder. As respostas são as mais contraditórias possíveis. Por coincidência todos aqueles que gozam de «facilidades» oferecidas por determinadas entidades internacionais (bolsas e subvenções da Fundação Rockefeller, and so on) têm opiniões padronizadas. Para estes não há problema. Não importa que a radioatividade atmosférica tenha aumentado, no Brasil, de 400%. Isto não é nada ou, se for nocivo, na certa é um aumento devido às últimas experiências russas. Mas a Rússia, compadre, soltou bombas na Sibéria, quem as soltou no nordeste foi o governo americano. Tem nada não, negrão. Estes americanos são gente nossa. Se o fizeram é para o bem da Humanidade.

É uma maneira de pensar. Não temos nada com isso. Acreditamos, porém, que o povo brasileiro não pensa do mesmo modo. A gente humilde do nordeste que come, quando pode, a sua farinha e o seu jabá, o operário das grandes cidades e mesmo o camponês, ignorante, chagásico e maltrapilho, pensam diferentemente. Se o governo dos EUA quer testar o seu poderio bélico, seja lá em defesa de que teses for, que o faça em sua casa. Se eles consideram a América Latina como seu quintal, isto é problema deles. Nós pensamos de outra forma. Nossa terra é sagrada, o nordeste é sêco, assolado por uma canícula inclemente que torra as almas, as gentes, as coisas e os bichos, mas nós ainda o preferimos assim a um nordeste cozido por uma explosão atômica.

PENSANDO BEM

PARA QUE SERVE O H. C.?

O. Mello Franco Filho

Em seu monumental bloco cinzento, o H. C. desperta muitos motivos para discussão, e não será esta a primeira nem a última vez que dêle se falará.

Um fato é inconteste: o H. C. já faz parte obrigatória das discussões em torno dos problemas de São Paulo, servindo de ponto de toque para interesses médicos, sociais e até políticos.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA U. S. P.

É este o timbre que encima todos os impressos do H. C.

De fato, o H. C. existe em função da FMUSP. Para nós que estamos em seus quadros, isto não é novidade. Já se tornou até parte inconsciente de um mecanismo de posse a que nos aferramos (com direito) quando nele desejamos haurir nossa formação médica. Em outros termos, o H. C. é para nós o local necessário, suficiente e próprio onde aprendemos medicina.

SURGE DAÍ O PROBLEMA

Acontece, porém, que em suas características, o H. C. é praticamente um dos poucos em nossa terra, de maneira que para ele convergem as atenções de muitas pessoas de outros lugares, também desejosas de nele sedimentarem sua formação de estudantes, médicos, enfermeiros e outras tantas categorias que um hospital pode albergar.

Surgem daí choques inevitáveis, nos quais, via das vêzes, nos consideramos a parte prejudicada no aproveitamento do hospital, sempre alegando o direito adquirido por termos passado pelos vestibulares e bancos da FMUSP.

DUAS RAZÕES A QUE ATENDER

De fato, a reclamação

é procedente de um lado, pelas razões acima expostas.

Por outro lado, há um fato ponderável que é a posição privilegiada do H. C. como centro médico e que por força dessa mesma situação precisa irradiar a vida científica que dêle existe, sustentada por milhões de cruzeiros em quase nenhum outro lugar disponíveis em tal montante. Trata-se enfim da atuação de um centro médico quase a compensar as deficiências de outros, que também são importantes para a medicina brasileira. (O H. C. e a FMUSP ainda fazem parte do Brasil, segundo as últimas estatísticas).

PARA QUE SERVE UM HOSPITAL?

Pouco se tem frizado a importância social de um hospital numa comunidade. Tanto é que, essa função social fica afogada pela atividade meramente assistencial. Então para o estudante da FMUSP, o H. C. fica encarado como local seu de aprendizado e oportunidade impar para «papar» atividades médicas. Para alguns médicos, um ótimo campo para a pesquisa científica, ou para muitos, um emprego vantajoso, que até propicia citação no cabeçalho de seu receituário de consultório.

EXEMPLOS PALPÁVEIS

Perguntamos: qual tem sido a preocupação de tentar uma educação sanitária do doente que permanece dias e semanas no H. C. contando as rachaduras dos tetos das enfermarias, enquanto se submete a tratamento?

Fazemos mais uma pergunta: quantos de nós, estudantes e médicos, ao fazermos a clássica per-

gunta anamnética ao doente: «Já tomou banho em lagoa de coceira?» ou «conhece o chupança?» — nos apressamos a esclarecê-lo do significado desses fatos?

Ou ainda: por acaso se procura inculcar nas mães que demandam ao H. C., algumas orientações básicas e fáceis no concernente aos cuidados que exige uma criança pequena?

No campo da educação sexual, o que temos feito? A nossa mudez aí é terrível. A propósito, cumpre lembrar aqui o que declarou ao BISTURI há alguns anos atrás, o psiquiatra Dr. José Conceição Ferraz Salles: «Se por acaso alguém pedir orientação em matéria sexual a um estudante de medicina, êste lhe dará a que aprendeu nas ruas, pois em sua escola nada lhe disseram».

Os exemplos poderiam continuar ainda numerosos e todos êles a mostrar que, do H. C. pouco irradia para a sociedade que o sustenta, além de um trabalho assistencial (volumoso aliás) e de certo grau de pesquisa científica.

De um simples problema de concorrência de aprendizado chegamos a um ponto mais vasto que abrange o próprio conceito de hospital.

Esta relação chama a atenção porque nos obriga a uma reflexão em horizontes mais amplos quando discutimos os nossos problemas no hospital.

O H. C. goza de posição privilegiada no cenário médico do Brasil e de maneira nenhuma poderá fugir de seu papel de centro da irradiação de cultura médica ou de sua função na educação social.

São êstes dois pontos que precisam ser um pouco mais meditados.

SUPER-CONVAIR

PARA O

SUL

2 vezes por dia

CURITIBA

Diariamente
FLORIANÓPOLIS

Diariamente
PORTO ALEGRE

REAL

Cabine pressurizada

Ar condicionado

Macias poltronas reclináveis

Serviço de luxo

★

Libero Badaró, 370 - T. 35-2155

C. Crispiniano, 375 - T. 35-8151

Agência Hellênica Fornecimentos de Navios Ltda.

«THE HELLENIC SUPPLY AGENCY LTD.»

CAPT. C. PAPADIAMANTIS
(Sócio - Gerente)

General Ship Suppliers & Commission Agents
(Forn. Marítimos)

ADDRESS

RUA GENERAL CÂMARA, 188 - SALAS 1 e 2

TELEPHONE: 2-5019

P. O. BOX 1.378

CABLES «HELLENIC»

SANTOS - BRASIL

NOTICIANDO E COMENTANDO

O Departamento Científico...
...do CAOC parece que vai abrir uma Tinturaria anexa, segundo o Lenhito e o Tadashi. É o único jeito de conseguir dinheiro para publicar a Revista.

Ficou tamponada...
...a grave dos Assistentes da Faculdade. Foram atendidos nas suas reivindicações mais prementes e justas. As promessas oficiais falam ainda na reorganização e estruturação definitiva da Carreira Universitária.

O Departamento Cultural...
...promove com grande sucesso o ciclo «Aspectos do Cinema Italiano de Após-Guerra». As quintas feiras à noite, no Teatro da Faculdade, invariavelmente casa cheia. Parabéns ao Departamento Cultural, David Lerer, Azevedo, Joaquim.

Foi em janeiro...
...que ouvimos a notícia da reforma do Ensino Médico na UB; tempo integral, Hospital das Clínicas, sexto ano com internato obrigatório. Para nós, aqui da F.M.U.S.P., sem novidades maiores. Com isso, aos poucos, o ensino médico vai se atualizando. Quem diz é o professor Arnaldo de Moraes, diretor da Faculdade Nacional de Medicina.

Lemos e gostamos...
...do O POLITECNICO. Dos jornais universitários é um dos que melhor posição toma em assuntos da realidade nacional. Não só notícia, analisa, como documenta os fatos, o que se encontra em bem poucas outras publicações. Exemplo a ser seguido.

Foi inaugurada...
...a Biblioteca Cultural do CAOC. Ao Nelson Rodrigues dos Santos são devidas as honras maiores nesse trabalho, e seguindo o Moraes Sarmiento: Nelsão, leva esse. Oxalá a Biblioteca se torne Tradição, dure e perdure.

Muralsão...
...agora o CAOC tem um Muralsão. Nacionalismo, Cuba, Situação Nacional, ele está lá para você escrever. E só chegar, arranjar um espaçolinho (por enquanto tem, de sobra) e publicar.

A exposição sobre...
...Malésia de Chagas, tendo existido também um Curso sobre o assunto, fo-

ram sucessos absolutos (20 a 26 de Abril, no Instituto de Medicina Tropical.

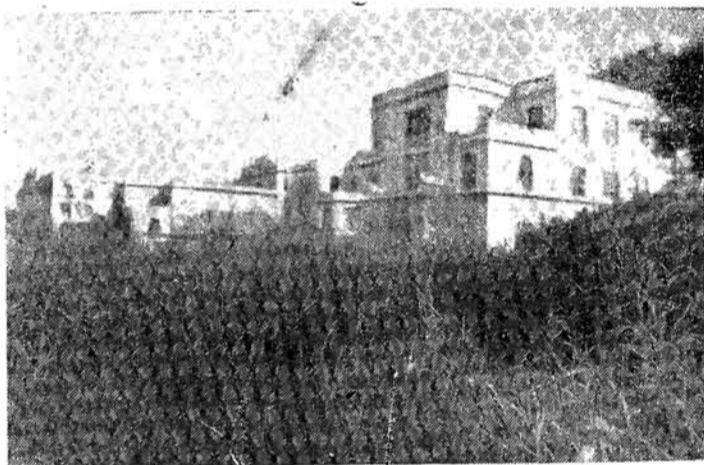
Sui generis...
...o processo que o Ministro Mario Pinotti e o Ministério da Saúde estudam e pretendem implantar no combate ao veítor do Mal de Chagas. Os triatomídeos aninham-se nas frinchas e frestas das casas de pau-a-pique.

O que se pretende é que o barro a ser empregado seja o de um processo especial de preparação, de mistura com estrume de vacas, que é o que faz o João-de-Barro. Esse material é altamente refratário às rachaduras e fraturas, vai daí o inseto não tem onde se alojar e afasta-se das casas. Com isso espera-se em uma geração contribuir em muito para erradicar definitivamente a doença de nossas populações.

Alie-se isso ao fato de que o caboclo em geral não aceita mais, nas regiões endêmicas, morar em casafas de pau-a-pique, expondo-se amplamente às infecções. É o fruto da bem orientada campanha de educação sanitária.

Bem bom...
...o Baile do Calouro, a 26 de Abril, no Homs. Simonetti em grande estilo; os calouros contentes, o salão animado e sussurrante. Tudo azul.

Um guri...
...do Parque Infantil, que fica junto à Escola de Enfermagem, vinha vindo re-



Perdida em meio à vegetação, a imponente Casa de Arnaldo

bocado pelo pai em direção à Av. Dr. Arnaldo. O plano era aparcar o ônibus Sumaré. Em meio à jornada passaram pelo «jardim» da Faculdade, o pai aborrecido com o menino, que queria porque queria um patinete igual ao do amiguinho de fo-

lias. Impaciente, tentava dissuadi-lo, quando para surpresa sua, o garoto, vendo um movimento pela vegetação do matagal (jardim), concordou:

— Tá bom, Papai, mas então me pega uma cobra e um rato.

Foi homenageado por...
...ocasião de sua despedida do cargo de Diretor da FMUSP, o Prof. João de Aguiar Pupo. Sua gestão caracterizou-se pela carinhosa atenção, que dedicou aos problemas dos estudantes. A



ele também a homenagem do «O BISTURI».

Vive le Roi...
...que é agora o Prof. Eurico da Silva Bastos, novo diretor da Faculdade. As primeiras afirmações do Prof. Bastos produziram a melhor impressão possível, quanto ao futuro norteamento das atividades da FMUSP. Deseja-

os da Faculdade de Odontologia de Araraquara foram caçados pela população da cidade, depois de haverem emporcalhada as dependências do prédio, onde estavam alojados. Estavam lá para competir nos Jogos Universitários do Interior. Em Campinas, os estudantes vão à greve, em busca do Restaurante Estudantil, que lhes fôra prometido e, que, uai, fêz que vai mas não vai... não veio. No Rio de Janeiro, a Faculdade de Ciências Médicas vai paralisar suas atividades, por decisão de seus professores. A causa, a-

gora, é qualquer coisa de inedito: os alunos detiveram no recinto da Escola o Diretor da instituição, exigindo-lhe a renúncia.

Duas notícias...
...do D. F. (Departamento Feminino): não entra mais homem de jeito nenhum. Nem de avental, nem a rigor. Não adianta nem ir de namorada em punho. A moçada tá brava.

New Look...
...Recolhidas à quietude do seu D. F., é de se vê-las, óculos na ponta do nariz, muito

tesas nas poltronas, matraqueando as novidades para as colegas. Umas trabalham rápido, outras devagar, outras fingem trabalhar, mas fôdas, tôdas, indefectivelmente, fazem tricô. Tô precisando de um pullover.

Greves houve...
...muitas, na Filosofia, na Farmácia. Isso, sem contar as de outros estados (p.e. Juiz de Fora, M.G.). O ensino superior não está maduro, não se podem negar as razões dos estudantes, se bem que greve é recurso extremo demais para ser usado com tal frequência. Há de melhorar.

Esquecida pelos Governos a Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas

RAUL MARINHO JÚNIOR

Como todos sabem, dentro do bloco constituinte do Hospital das Clínicas encontra-se o belo edifício da Clínica Psiquiátrica; belo externamente, pela providência sa-gaz de um dos muitos engenheiros que já estiveram encarregados de sua construção, porque as partes internas desse nosocômio estão completamente despidas, com os tijolos à mostra, como que a escarnecer dos que o deixaram naquela situação. Escórias amontoam-se pelos corredores, pilhas de materiais desfazem-se ao aguaceiro das chuvas, materiais de alto custo enferrujam em belos caixotes, e os responsáveis... Estes continuam devaneando "profundos" problemas de metafísica política.

As obras da Clínica Psiquiátrica foram iniciadas em 1945. Há quase quinze anos... E aí estão... Incompletas. Milhões já foram invertidos em sua construção, mas quis a política que muitos arquitetos fossem encarregados da direção das obras. Entrava um engenheiro e, quer pela inépcia, quer pela falta de boa vontade e solidariedade humana, empregava mal as já magras verbas; remendava aqui e ali o esqueleto do majestoso prédio. Logo, com o câmbiar dos governos, outro era nomeado; derrubava aqui e ali e o edifício continuava na mesma. Hoje, com um simples retoque na parte elétrica, hidráulica e um singelo acabamento na parte de alvenaria, toda a população do estado já seria beneficiada com mais uma grande aquisição da Medicina. Porém, a inépcia e a falta de verbas ainda perduram e ali continua o gigante adormecido.

Sejamos mais objetivos: essa clínica, pronta, seria a única no gênero entre nós. Pensemos nos benefícios que adviriam se a doença mental fosse já tratado no início, impedindo sua evolução para as formas crônicas, in-tratáveis. Essa clínica tem tudo em potencial para fazê-lo, bem como para tornar-se o maior centro sulamericano em pesquisas sobre sistema nervoso. Poderia ainda ser um dos maiores centros do mundo na cirurgia da epilepsia e na psicocirurgia. No entanto, enormes aparelhos de raios-X deterioram encaixotados nos porões da clínica, dispendio-

so materiais enferrujam e milhares de pacientes permanecem não tratados, enviados às centenas a hospitais de segunda classe, obstruindo acomodações no Juqueri, muitas, vezes sem um diagnóstico. E a isso que chamamos Padrão "A" em nossa Faculdade de Medicina?

Senhor Pietro Ghirardi, digníssimo diretor do D.O.P., lemos no Diário Oficial de 1.º de abril do corrente ano, que o término das construções de nossa clínica psiquiátrica seria em 1960. Notem que a data é: primeiro de abril. Seria coincidência? Não é coincidência não, pois do modo em que estão as obras, nossa clínica não ficará pronta nem em 1970, pois encontram-se essas obras totalmente PARALIZADAS.

Têm sido ingentes os esforços do Prof. A. C. Pacheco e Silva, titular da cadeira, que tem se desdobrado frente aos poderes públicos desde o início das referidas obras, entretanto, ninguém mais parece interessado em que a Medicina paulista e brasileira sejam enriquecidas com mais este patrimônio. E' assim que, valendo-nos da repercussão que costumamos encontrar pelo nosso órgão de alunos, o Bisturi, apelamos agora para os poderes públicos, no sentido de que alguma resolução seja dada a mais esse problema, que agora tanto nos aflige.

Senhor governador, Dr. Carlos Alberto de Carvalho Pinto, nossa Clínica Psiquiátrica já foi malôca de pretos, que queimavam os andaimes para fazer comida. Quando refeitos esses mesmos andaimes, logo apodreceram sob a inépcia de um construtor politiquero. Hoje apenas uma ala da referida clínica se encontra concluída, e no frio a umidade escorre das paredes e os doentes padecem em razão do sistema de calefação não estar concluído; recebe-se água de uma pequena bomba improvisada e luz medíocre de um desvio da rede do H. C. Um centro que está destinado a ser um dos maiores do mundo em pesquisa nervosa, é agora motivo de mófa às autoridades estrangeiras que nos visitam.

Senhor governador, com a verba necessária para cons-

truir um grupo escolar nossa Clínica Psiquiátrica, já quase terminada, poderia vir a funcionar com dignidade, fazendo vulto entre as maiores organizações do gênero no mundo... Nomeie-se um engenheiro que não fique a devanear ao sabor de medalhões carcomidos enquanto a doença grassa em nossa população já tão sacrificada. Encaminhem-se as verbas aos centros adequados e tudo estará solucionado.

Colegas, reflitam bem na gravidade do problema, esqueçamos um pouco nossos ídolos e arrazoemos no que isto significa.

Se necessário façamos um movimento. Alguma ação-se faz necessária.

Leia e
Colecione

ANAI
CIENTÍFICOS

Traço de União
das

Escolas
Superiores
do
Brasil

Leia no n.º 67

A Escola Superior
de Agricultura
Luiz de Queiroz

9-9999

ACIDENTES - FRATURAS - REMOÇÕES
DE PACIENTES PARA O INTERIOR.
OXIGENIO À DOMICILIO - SANGUE
RAIO X - MÉDICOS DE PLANTÃO
DIA E NOITE.

PRONTO SOCORRO N. S. CONCEIÇÃO

RUA 21 DE ABRIL N.º 569